

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DA
INFORMAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DE UNIDADES DE
INFORMAÇÃO**

MARCHELLY PEREIRA PORTO

**REDE DE MEMÓRIAS:
UM “LUGAR DE MEMÓRIA” DIGITAL DOS BOMBEIROS
MILITARES CATARINENSES**

**FLORIANÓPOLIS-SC
2016**

MARCHELLY PEREIRA PORTO

**REDE DE MEMÓRIAS:
UM “LUGAR DE MEMÓRIA” DIGITAL DOS BOMBEIROS
MILITARES CATARINENSES**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Gestão de Unidades de Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão de Unidade de Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Gisela Eggert Steindel

**FLORIANÓPOLIS-SC
2016**

P853r Porto, Marchelly Pereira
Rede de memórias: um “lugar de memória” digital dos bombeiros militares catarinenses / Marchelly Pereira Porto. - 2016.
153 p. il.; 29 cm

Orientadora: Gisela Eggert Steindel

Bibliografia: p. 128-141

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Gestão de Unidades de Informação, Florianópolis, 2016.

1. Comunicação por computadores - Redes. 2. Bombeiros – Santa Catarina. 3. Memória coletiva - Santa Catarina. 4. História oral - Santa Catarina. I. Steindel, Gisela Eggert. II. Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Gestão de Unidades de Informação. III. Título.

CDD: 384.3 – 20.ed.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UDESC

MARCHELLY PORTO

**REDE DE MEMÓRIAS:
UM “LUGAR DE MEMÓRIA” DIGITAL DOS BOMBEIROS
MILITARES CATARINENSES**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Gestão de Unidades de Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão de Unidade de Informação.

Banca Examinadora

Orientadora: Profa.Dra. Gisela Eggert Steindel
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membros:

Prof. Dr. Jordan Paulesky Juliani
Universidade do Estado de Santa Catarina

Profa. Dra.Tânia Regina da Rocha Unglaub,
Universidade do Estado de Santa Catarina

Profa.Dra. Ursula Blattmann,
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis – SC, 08/06/2016

Aos bombeiros militares catarinenses

AGRADECIMENTOS

“Somos o resultado de tanta gente, de tanta história, tão grandes sonhos que vão passando de pessoa em pessoa, que nunca estaremos sós”.

Valter Hugo Mãe.

Ao longo da dissertação, aprendi o poder que temos quando colaboramos uns com os outros e compartilhamos nosso conhecimento. Dito isso, este trabalho é fruto também daqueles que me rodeiam, que me fazem crescer e querer ser cada dia melhor. A Deus, só posso ser grata por colocar essas pessoas especiais em meu caminho.

À minha família:

Minha mãe, Fátima, que me incentiva a ser bibliotecária desde a minha mais tenra idade, que vibra nas minhas conquistas e me consola nas derrotas. Para você, “todo amor que houver nessa vida”.

À “minha mãe, minha filha, minha irmã, minha menina” Morena, por quem eu tenho o maior dos amores, para quem eu dedico todo meu esforço de ser seu orgulho: “Pra nós, todo amor do mundo”.

Além de ser meu parceiro de estudos e de vida, ele é o meu amor. Obrigada Maicon, meu pretinho, pela ajuda, compreensão e companheirismo nesses anos. Sem você, certamente não seria possível.

E se tive momentos de distração e improdutividade, são eles os culpados: Nanquim e Gergelim não mediram esforços para dar tanto amor, como só os felinos sabem fazer.

Aos meus amigos:

Natalí, minha grande incentivadora, amiga e parceira, não saberia ao certo dizer desde quando (ou o quanto) preciso lhe agradecer. Obrigada pelas

contribuições valiosas, pelas trocas de horário, pelo carinho e cuidado que você tem comigo.

A Camila tem tantas atribuições que nem lembro mais. Nunca vou me cansar de aprender contigo, de dividir trabalhos, madrugadas e conquistas.

Quanta angústia, não é mesmo, Dani Feldman? Compartilhar contigo todo esse processo de pesquisa e amadurecimento pessoal foi muito especial.

Dani Capri, Thayse, Lucas, Guilherme e Zé Paulo, amigos queridos, o apoio incondicional de vocês me faz ter certeza do quanto sou amada. Retiruo o amor e sou grata a vocês por isso. E o que dizer da Larissa que mal conheço e já considero muito? Obrigada pelo apoio tecnológico, foi muito mais importante do que você possa imaginar.

Às amigas de vida que, mesmo de longe, contribuíram muito para esta caminhada: Clau, Liana e Débora, vocês são minhas fontes de inspiração.

Aos meus mestres:

Mais que uma orientadora, a Gisela é uma grande mestra. Por todas as palavras de incentivo (yes!), abraços apertados, atenção e carinho, ela tem minha gratidão. Pelos ensinamentos e direcionamentos, minha admiração.

Aos professores Jordan, Tânia e Úrsula, por aceitarem fazer parte da banca examinadora e trazerem tantas contribuições valiosas para a pesquisa. Os novos olhares e percepções conquistados nas aulas do mestrado devo também aos demais professores do PPGInfo. Agradeço também ao Holdrin, pelo exemplo de competência e cordialidade, por sempre ser gentil e prestativo.

Aos colegas de turma (Adriana, Ana Claudia, Carla, Diego, Fabiana, Graziela, Juliana, Lilieudi, Lucas e Paula),

muito obrigada pelos nossos momentos de aprendizado e pelo companheirismo durante todo esse processo.

Aos meus colegas e amigos do CBMSC:

O Centro de Ensino Bombeiro Militar trouxe-me grandes amigas com os quais compartilho a felicidade de trabalhar com o que gosto. Paula, Alice, Kelly Rosa e Danusa, o prazer de dividir minhas tarefas diárias com vocês só não é maior que a nossa amizade.

Agradeço aos militares Ten Cel Corrêa, Major De Lima, Ten Cel Helton e ST Gonçalves pelo constante incentivo ao longo desses anos. Tenho grande estima por tudo que aprendi com os senhores. Ao Comandante e Subcomandante do CEBM, Ten Cel Neto e Ten Cel Heisler, pela compreensão em ajustar meus horários e ao estímulo para finalizar esta dissertação. Ao Comandante Geral do CBMSC, Cel BM Mocellin e também ao ex Comandante Cel BM Oliveira que autorizaram a pesquisa na corporação.

Para os bombeiros militares entrevistados, deixo meu agradecimento e profunda admiração. Sou muito grata por dizer que trabalho com profissionais tão nobres, que realmente sentem orgulho do que são e do que fazem. Tenham certeza que a presença dos senhores “abrilhantou de maneira singular” esta dissertação.



Alexandre Beck

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo a construção e a apresentação de um protótipo de “lugar de memória” digital do efetivo do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina (CBMSC), com o uso de ferramenta colaborativa na internet. O CBMSC, instituição de serviço de segurança pública, é formado por indivíduos que possuem não só sua própria história, mas também a memória da corporação, enquanto profissionais. Para a construção e preservação da memória deste grupo, propõe-se criar uma ferramenta que possa registrar, preservar e divulgar esta memória e ainda fazer com que ela seja conhecida por aqueles que desejam compreender uma face da história, os personagens, eventos e acontecimentos dos bombeiros militares catarinenses e sua instituição. Tendo em vista a dimensão da corporação no Estado, a investigação foi realizada em uma unidade da instituição, o Centro de Ensino Bombeiro Militar. A Rede de memórias, nome do protótipo em questão, foi desenvolvida como um produto da Biblioteca CBMSC. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram abordados os conceitos de estudiosos das áreas da História, da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, relativos à colaboratividade no âmbito da internet. A metodologia adotada foi a pesquisa-ação, com caráter teórico-empírico, apoiada por pesquisa bibliográfica e documental. Utilizou-se também a história oral, na qual bombeiros militares foram entrevistados a fim de produzir, com os seus relatos, o conteúdo da Rede de memórias. Nos ciclos finais da pesquisa-ação, foi desenvolvido o produto para a Biblioteca CBMSC utilizando um software *wiki*. A investigação permitiu conhecer a instituição, reunir conteúdos que possibilitaram a elaboração do protótipo e estabelecer diretrizes para a criação da Rede de

memórias. Acredita-se que o uso do *wiki* poderá propiciar um ambiente colaborativo necessário para o registro da memória individual e coletiva do efetivo do CBMSC, bem como para a sua história.

Palavras-chave: Memória coletiva. Lugar de memória. *Wiki*. Memória - Bombeiros Militares de Santa Catarina.

ABSCTRACT

This research aims to build a prototype of a digital “Place of Memory” for the Military Fire Department Staff of Santa Catarina (CBMSC) by using a collaborative tool on the Internet. The CBMSC is an institution responsible for providing public security service and it consists of individuals, who have not only their own history, but also the corporate memory as professionals. In order to build and preserve the memory of this group, the proposal here is to create tools that may record, preserve and disseminate this memory and still make it known by those who want to understand one side of the history, the characters, the events and happenings concerning the military firefighters of Santa Catarina and their institution. Given the size of the corporation in the state, the research was conducted within a information unit at the Educational Center of Military Firefighters (EMBC). The Network of Memories, name of the prototype, was developed as a product for the CBMSC Library. In order to develop the research, a number of concepts of scholars from the fields of History, Library and Information Science were addressed, as well as concepts related to colaborativity on the internet. The methodology used for this study was the action-research with theoretical and empirical purposes, supported by bibliographical and documental research. Oral history was used as well, as when firefighters were interviewed in order to produce, based on their reports, the contents of the Network of Memories. At the final cycles of the action-research, the product for the CBMSC Library was developed using a wiki software. The research allowed knowing the institution, gathering content that made possible to develop the prototype and establishing guidelines for the creation of the Network of Memories. It

is believed that the use of the wiki can provide a necessary collaborative environment for the registration of both collective and individual memories of the CBMSC staff, as well as its own history.

Key-words: Collective Memory. Place of Memory. Wiki. Memory - Military Firefighters of Santa Catarina.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Portal do Museu da Pessoa	42
Figura 2 – Portal da Memória Petrobras.....	44
Quadro 1 – Relação das categorias com a metodologia e suporte	81
Quadro 2 - Desenho do projeto de História Oral	84
Figuras 3 e 4 – Construção do primeiro prédio do CEBM, em 2004.....	97
Figuras 5 e 6 – Batismo de água e fogo.....	102
Figura 7 – Exemplo de página da Rede de memórias.	115
Figura 8 – Página do colaborador	116
Figura 9 – Página principal da Rede de memórias.....	117

LISTA DE SIGLAS

ABM – Academia Bombeiro Militar

ANCIB – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação

BM – Bombeiro Militar

CBMSC – Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina

CEBM – Centro de Ensino Bombeiro Militar

CEPED/UFSC – Centro de Pesquisas sobre Desastres da Universidade Federal de Santa Catarina

CFAP – Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças

CI – Ciência da Informação

DiTI – Divisão de Tecnologia da Informação

ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

FCC – Fundação Catarinense de Cultura

GT10 – Grupo de Trabalho 10

IBICT - Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia

IPIUF – Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis

TI – Tecnologia da informação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	25
2 ORIENTAÇÃO TEÓRICA	35
2.1 QUESTÕES ACERCA DO CONCEITO DE MEMÓRIA	47
2.1.1 “Lugares de memória”	52
2.2. A COLABORATIVIDADE E SUAS FERRAMENTAS	61
2.2.1 Ferramentas colaborativas	63
3 A PESQUISA-AÇÃO COMO CAMINHO METODOLÓGICO	71
4 O TRANÇAR DA REDE DE MEMÓRIAS: PROTÓTIPO DO “LUGAR DE MEMÓRIA” DIGITAL	87
4.1 O CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE SANTA CATARINA	87
4.2 O DESENVOLVER DE UM EMARANHADO DE MEMÓRIAS.....	94
4.3 A CONSTRUÇÃO DA REDE DE MEMÓRIAS	110
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS	128
APÊNDICE A – Roteiro de entrevistas	142
APÊNDICE B – Diretrizes para a Rede de Memórias CBMSC	147

1 INTRODUÇÃO

"Memórias. Quanto de invenção, projeção e recriação há nelas? Ela torna nosso passado um mosaico incompleto de combinações infinitas. Reconstruímos, apagamos, inventamos e mesmo projetamos esse conteúdo de maneira dinâmica, transformando a memória numa verdadeira potência criadora. A memória é sempre uma virtualidade".

Coletivo Artístico Nijinski

As badaladas do sino da igreja, os toques de corneta ou, até mesmo, os tiros de canhão ficaram marcados na memória dos nossos antepassados como algumas das principais estratégias para anunciar sobre a ocorrência de algum incêndio nos primórdios dos serviços prestados pela Força Pública, criada em meados do século XIX no Brasil. As “modernas” caixas avisadoras, surgidas nos anos posteriores, substituíram os antigos métodos utilizados pela comunidade para alertar algum tipo de ocorrência aos soldados da Força Pública, hoje conhecida e reconhecida como Corpo de Bombeiros.

Mais adiante, com o advento da energia elétrica e das linhas telefônicas, a comunicação entre o Corpo de Bombeiros e a comunidade transformou-se em algo mais dinâmico, instituindo um único número, o 193, as ocorrências passam ter um atendimento mais imediato.

Atualmente, no Estado de Santa Catarina, o Corpo de Bombeiros, além de utilizar a tradicional central de operações via telefone, dispõe de novas tecnologias para o atendimento a comunidade. A comunicação pode ser feita por dispositivos móveis, utilizando aplicativos próprios ou por meio de WhatsApp, Telegram ou

Hangouts¹. É possível ainda acompanhar a ocorrência em andamento pelas redes sociais da internet, como o Twitter. Esse compartilhamento das informações e da comunicação em tempo real deve-se ao progresso das tecnologias digitais das últimas décadas.

Conhecer a história dos bombeiros paralelo à história dos meios de comunicação e as curiosidades acerca desses avanços, por exemplo, só é possível porque em algum momento houve a preocupação e a iniciativa de construir e compartilhar a memória daqueles nossos antepassados que vivenciaram essa evolução ao longo do tempo. A organização e a preservação dos relatos, documentos, objetos e fotografias contribuem para que a história e a memória sejam contadas e valorizadas.

Embora esteja relacionada ao passado, a memória constitui-se no corpo presente, uma vez que ela interfere no curso atual das representações. O seu registro e compartilhamento permite que as futuras gerações possam ter acesso à história, cultura, aos costumes e eventos de um determinado período ou grupo. Além disso, a memória é um elemento essencial da identidade, seja ela individual ou coletiva. (LE GOFF, 2003; BOSI, 2003).

Para ser entendida como um fenômeno coletivo e social, como algo construído coletivamente, faz-se necessário entender a sua formação a partir da memória individual que, entrelaçada com as memórias de outros indivíduos em diferentes vivências, é submetida a transformações e mudanças constantes.

Devido a essa volatilidade, pode-se dizer que a memória humana é seletiva, lacunar e falível. Portanto, registrá-la não é uma ação natural ou espontânea, sendo necessária a criação de “lugares de memória”, ou seja, espaços físicos materiais ou virtuais que servem de

¹ Aplicativos de mensagens instantâneas com conexão via internet.

suporte para formar uma memória coletiva imaterial (NORA, 1993; SILVEIRA, 2007). Atualmente, os “lugares de memória” virtuais são capazes de registrar, armazenar e compartilhar a memória, a exemplo das ferramentas na internet, que têm como essência a colaboração e o compartilhamento, permitindo democratizar os registros históricos.

O Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina (CBMSC), instituição de serviço de segurança pública, é formado por homens e mulheres engajados em exercer atividades de prevenção e salvamento. A corporação, que é reconhecida e respeitada por toda comunidade, tem como o enfoque a salvaguarda da população. Cada um desses indivíduos carrega sua própria história e também a memória da instituição a qual pertence, enquanto profissional.

No entanto, quando se trata da questão da sua memória e história, verifica-se uma lacuna de registros, o que dificulta que a memória coletiva desse grupo seja preservada, divulgada e apropriada por aqueles que desejam conhecer a trajetória, os personagens e os acontecimentos do CBMSC.

Grande parte dessas memórias, que são consideradas como patrimônio cultural, está dispersa nos indivíduos que fazem parte dessa comunidade. Assim, entende-se que o patrimônio do CBMSC é formado por pessoas, fatos e lugares, constituindo a sua história e identidade.

Para ser Bombeiro Militar é necessário desenvolver uma série de competências e também de conhecimentos nas variadas áreas de prevenção e salvamento. Em Santa Catarina, os cursos de formação e aperfeiçoamento de bombeiros são ofertados pelo Centro de Ensino Bombeiro Militar (CEBM), que tem status de Batalhão no CBMSC. Sentindo a necessidade de apoio nos processos de

ensino-aprendizagem, a unidade criou, em 2010, a Biblioteca CBMSC.

Desde então, a Biblioteca está em constante desenvolvimento, seja no seu espaço físico e acervo, nos serviços prestados com o objetivo de inserir o aluno no universo da pesquisa acadêmica ou na mediação dos processos de busca da informação. Como atua no depósito legal dos trabalhos de conclusão de curso e literatura produzidos na instituição, pode-se dizer também que se preserva a memória do CBMSC. Quanto às suas profissionais, as bibliotecárias procuram criar um ambiente para interação ativa e dinâmica dos usuários, fazendo com que eles se tornem responsáveis também pelo crescimento da Biblioteca e tenham uma consciência de pertencimento. Os serviços, produtos e projetos são elaborados a partir das necessidades desses usuários e das suas sugestões e participações. Com a exposição das características da Biblioteca e na proposta desta dissertação, que será apresentada a seguir, cabe nomear os usuários de interagentes², termo que será adotado ao longo da pesquisa.

Em decorrência do trabalho na Biblioteca CBMSC, de buscas provenientes das pesquisas dos interagentes e de observações pessoais quanto às fontes de informação relacionadas à memória, percebeu-se que há uma lacuna nos registros históricos da corporação. Além de raros livros que contribuem para tais registros, há a dificuldade de acesso aos documentos em que se poderiam obter essas informações.

² O termo sugerido por Corrêa (2014) em substituição às palavras usuário, leitores ou consulentes para designar a comunidade de frequentadores de unidades de informação.

O efetivo³ do CBMSC, uma das fontes de informação, está distribuído pelo Estado de Santa Catarina, o que prejudica a comunicação e alcance à toda esta comunidade. Não há ainda na instituição meios para que essas vozes sejam ouvidas e nem arquivo ou local específico onde os registros possam ser preservados e compartilhados. O relatório sobre a gestão de acervos históricos e da história do CBMSC também expõe a necessidade de iniciativas nesse sentido:

O CBMSC logo completará 90 anos. Sua história não foi devidamente pesquisada, e por consequência, não escrita. Para os historiadores, e os demais interessados em pesquisa, é difícil empreender buscas por documentações esparsas, sem catálogo, nem local centralizado – questões essas que um arquivo histórico pode suprir (CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE SANTA CATARINA, 2015a).

Sendo assim, pode-se considerar que as bibliotecas também sejam “lugares de memória”, pois elas tendem a reafirmar os saberes e fazer com que estes se tornem instrumento de validação da identidade individual ou coletiva de uma comunidade (SILVEIRA, 2010).

Diante deste contexto, apresenta-se como **problema** de pesquisa para o desenvolvimento de dissertação, item parcial para a obtenção do título de mestre em Gestão de Unidades de Informação, a seguinte questão: Como a Biblioteca, por meio do uso de ferramentas colaborativas, pode contribuir para a construção de um “lugar de memória” digital do efetivo do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina (CBMSC)?

³ No âmbito militar, utiliza-se o termo para designar o número real de indivíduos pertencentes a instituição ou setor (EFETIVO, 2008).

Considerando a distribuição dos bombeiros em diferentes municípios catarinenses, o crescente uso de softwares colaborativos na internet e suas possibilidades tecnológicas para a criação de conteúdo, bem como o perfil inovador da Biblioteca CBMSC, o **objetivo geral** de pesquisa é propor um “lugar de memória digital” com o uso de uma ferramenta colaborativa na Biblioteca CBMSC.

Tem-se como objetivos específicos:

- a) conhecer no CBMSC a estrutura organizacional e administrativa da instituição;
- b) elaborar um levantamento sobre a memória do bombeiro por meio de pesquisa documental e história oral;
- c) implantar em uma plataforma colaborativa um cenário para absorção do conteúdo obtido pelo grupo do CEBM;
- d) estabelecer estratégias e diretrizes para o uso e divulgação da ferramenta colaborativa.

Apresenta-se como **justificativa** inicial a motivação pessoal da profissional proponente deste estudo. Por atuar há mais de cinco anos no CEBM, acompanha o desenvolvimento, as mudanças da instituição e o fortalecimento enquanto unidade de ensino. A Biblioteca CBMSC, criada com a contratação das bibliotecárias, teve contribuição na formação dos novos Bombeiros Militares (BM), principalmente no que diz respeito à produção acadêmica. A busca frequente por bibliografias sobre a história da Corporação por parte dos próprios interagentes despertou a atenção pela falta de registros sobre o tema.

Desde o seu início, a Biblioteca busca expandir, no sentido metafórico, as “paredes” do CEBM e alcançar o efetivo de todo o Estado de Santa Catarina, utilizando-se de mecanismos virtuais, como a biblioteca digital, o site próprio e o gerenciador de acervo, por exemplo. Todos

foram desenvolvidos pela equipe de bibliotecárias em software livre, como preconiza a instituição. Essa relação via web já está estabelecida com a comunidade BM, que vê as ações desenvolvidas pela equipe da Biblioteca cada vez mais próxima e participativa.

A partir de uma solicitação bem simples de um interagente ocorreu um *insight* e uma inquietação: este tinha a necessidade de obter informações acerca da origem do ato do batismo de água e fogo, ritual realizado em todo final de formatura ou comemoração, em que os bombeiros são banhados com a água da mangueira dos seus caminhões específicos, enquanto arde uma tocha de fogo.

Tal informação não está presente nos registros históricos da instituição, então, é necessário ressaltar a raridade deste tipo de materiais sobre a história e memória da corporação. Foi mediante a troca de e-mails com bombeiros militares do quadro inativo ou também dito aposentados da corporação, que se obtiveram respostas mais consistentes.

Ora, mas um ato tão simbólico para essa comunidade não poderia ter a sua origem e explicação guardadas em uma caixa de e-mail! E se outros quisessem saber? E se tivessem mais informações sobre esse ritual tão corriqueiro e importante para a identidade de bombeiro militar?

Por entender a Biblioteca desta instituição de segurança pública como um lugar de aprendizado, de construção do conhecimento, a experiência profissional e as inquietações inerentes às necessidades dos interagentes, partiu-se do pressuposto que essa biblioteca é também um “lugar de memória”. Ligando essas ideias, vislumbrou-se a possibilidade de criar um lugar digital de memórias que, de forma colaborativa, os interagentes contribuíssem com as informações que só estes possuem

a partir das suas experiências na corporação e, em muitas situações, eles mesmos têm necessidade de recuperar seu trabalho como bombeiros, quer seja como dado, informação ou referências simbólicas.

O patrimônio da corporação está atrelado à memória do seu efetivo, que constitui sua história e identidade. Os autores Worcman e Pereira (2006, p. 204) discorrem sobre a ideia da construção dessa memória de forma colaborativa:

Ampliar o número de “autores” da história abre espaço para a construção de múltiplas narrativas históricas e cria a possibilidade de revisão de tais valores. Neste sentido, destacamos o potencial que a história oral tem como ferramenta de inclusão social. Fortalecer o senso de pertencimento e de autoria de cada um, somado à possibilidade de fazer-se “ouvir” é o grande sentido social que um projeto de memória pode adquirir. Além disto, produzir novas fontes para a compreensão dos processos históricos é fundamental para revisão das narrativas históricas em si.

Para Castro (2006), uma das funções da biblioteca é ser guardiã do conhecimento, no sentido de armazenar, tratar e disponibilizar diferentes categorias de informação produzidas em vários tempos, localidades e pessoas, considera-se que ela seja um espaço para patrimônio material e imaterial de uma comunidade. Para dar apoio às atividades relacionadas com a preservação da memória, Lopes (2011) entende que é possível criar, em unidades de informação, mecanismos que permitam identificar, proteger, conservar, valorizar e transmitir o patrimônio cultural às futuras gerações.

Nesta direção, a construção de forma colaborativa remete a outro conceito, ao de Web 2.0, instituído por

O'Reilly e Dougherty em 2004 (O'REILLY, 2005). Da interatividade e compartilhamento de conteúdo surgiram diversas plataformas, amplamente utilizadas nos dias atuais e já intrínseco no cotidiano dos envolvidos.

Uma delas é o *wiki*, um sistema gerado para criação de conteúdo, composto de contribuições individuais e divulgados instantaneamente via web. Uma plataforma *wiki*, em sua estruturação, tem como característica a facilidade de manuseio e acesso. Este software é uma alternativa válida que tem a possibilidade, de forma colaborativa, de criar e transmitir o registro da memória coletiva do grupo pertencente ao CBMSC.

No âmbito científico, na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação (CI), identificou-se que grande parte das pesquisas sobre a temática é voltada para a gestão do conhecimento, principalmente institucional, para a preservação da memória a partir de gestão documental ou, ainda, para as questões teóricas acerca da memória e virtualidade. A possibilidade de pesquisar, customizar e, principalmente, implantar um software colaborativo com o intuito de construção da memória coletiva pode contribuir para a área ao apresentar um protótipo da ferramenta. Na área de bombeiros, ainda não existe tal iniciativa, sendo esta pioneira entre as corporações.

O protótipo foi nomeado como “Rede de memórias”, em alusão à combinação da internet com as “malhas” da memória, em que as memórias individuais se entrelaçam para formar a coletiva. O nome foi baseado ainda no conceito do sociólogo Manuel Castells (2002, p. 566), que define a rede como “um conjunto de nós interconectados”, que em estruturas abertas podem se expandir de forma ilimitada, integrando novos nós que compartilham os mesmos códigos de comunicação. A

partir de então, será adotado este nome no lugar de protótipo de “lugar de memória” digital.

Para compor e fundamentar este texto dissertação, é necessário discutir os conceitos de memória relacionados ao tema e ainda fazer uma breve correlação com as ferramentas Web 2.0, mais especificamente as *wikis*, assim como apresentar as opções metodológicas escolhidas.

A segunda seção tem por objetivo abordar a orientação teórica envolvendo as questões conceituais relacionadas ao conceito de memória e ao conceito de colaboratividade, a partir do estado da arte de forma interdisciplinar discutido e apresentado por diferentes autores. Destaca-se o levantamento do tema memória e a sua problematização já existente na produção científica da Ciência da Informação no Brasil.

Já a terceira seção, intitulado “A pesquisa-ação como caminho metodológico”, discute a identificação e definição dos métodos, técnicas e os procedimentos adotados, o processo de coleta de dados e a forma de apresentação dos resultados.

“O trançar da Rede de memórias” é a quarta seção, em que se apresenta o CBMSC, cenário desta pesquisa, a análise dos resultados da coleta de dados a partir das entrevistas realizadas, e a descrição do processo de escolha, implementação e customização do software usado no desenvolvimento da Rede de memórias.

A quinta e última seção discorre sobre as considerações finais desta pesquisa. Por fim, apresenta também os tradicionais elementos pós-textuais, referências e apêndices, necessários à compreensão da presente investigação.

2 ORIENTAÇÃO TEÓRICA

“Cada ser humano é uma biblioteca, manancial particular de conhecimento”.

Homi K. Bhabha

A memória é um tema multidisciplinar e estudá-lo requer inteirar-se sobre as áreas do conhecimento em que ele se encontra para, enfim, delimitar o campo a ser pesquisado. Portanto, é necessário um embasamento teórico para entender os conceitos, origens e o que já existe desenvolvido na área da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, além de conhecer projetos criados por instituições ou empresas que serviram de modelo para o desenvolvimento da Rede de memórias. Nesta seção está estruturada a revisão de literatura, que busca descrever a produção científica de determinado tema e seus autores; e a fundamentação teórica, que é a base do conhecimento necessário para elaboração da pesquisa.

Além de autores balizares da área da memória, como os historiadores Jacques Le Goff e Pierre Nora; o sociólogo Maurice Halbwachs e o pesquisador Michel Pollack, entende-se que é primordial apresentar e compreender os conceitos dos autores da Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil que estudam sobre o mesmo assunto. Assim, de uma forma geral, destacam-se pesquisas e autores expressivos da área para embasamento deste trabalho.

A princípio, o propósito foi entender como a memória, informação e o conhecimento possuem pontos convergentes, que possibilitem estudos interdisciplinares, principalmente na Biblioteconomia e CI. A partir da leitura da bibliografia na área, observou-se que, no campo profissional, cada vez mais esses pontos são utilizados, como os projetos de construção da memória coletiva,

desenvolvendo a gestão do conhecimento de um grupo, instituição ou comunidade.

Pode-se afirmar que a memória, assim como a gestão do conhecimento, tem as pessoas como base de fontes de informação. Prova disso são os estudos sobre a construção da memória coletiva com utilização da história oral e os projetos de gestão do conhecimento desenvolvidos em instituições públicas ou privadas com seus funcionários.

Carlos Alberto Ávila Araújo, ao apresentar um panorama da Ciência da Informação e o desenvolvimento das suas subáreas, afirma que uma delas se formou a partir de estudos em gestão da informação e do conhecimento. Esse autor explica que em pesquisas mais avançadas “[...] percebeu-se a importância de se estudar os conhecimentos que os membros das organizações detinham, porém ainda não existiam fisicamente” (ARAÚJO, 2014, p. 12). A partir de então iniciou-se uma distinção entre conhecimento tácito e conhecimento explícito, o que ajudou a esclarecer as diferenças entre documento e informação. O caráter de coletividade desse processo também vem sendo pesquisado a partir de “[...] estudos sobre ‘cultura organizacional’ e os ambientes de produção e uso da informação” (ARAÚJO, 2014, p. 12).

Este conceito pode ser complementado na pesquisa de Verri (2012), que comprova como a informação contribui para memória, dando significado à Ciência da Informação. Nas palavras da autora, a informação e memória “[...] têm nos dados históricos e nos significados uma base comum, que propicia a capacidade individual e ou coletiva de perceber a ação das forças que transformam a dinâmica social” (VERRI, 2012, p. 1).

Araújo (2014) teoriza ao afirmar que “in-formar” é produzir registros materiais do conhecimento e logo conclui que este resultado – a informação – é o objeto de

estudo da Ciência da Informação: o contínuo exercício destas ações de in-formar acaba por gerar um determinado acúmulo de registros do conhecimento humano – que Berger e Luckmann (1985) chamam de “acervo social de conhecimento” e Halbwachs (1990) de “memória social”.

A memória coletiva com base na história oral também é nomeada como “Memória oral”. De acordo com Worcman e Pereira (2006), esta tem como foco a coleta e o tratamento de depoimentos a fim de preservar o conhecimento intangível, isto é, daquele conhecimento que está na cabeça e na experiência das pessoas.

Neste sentido, a gestão do conhecimento e suas afinidades também faz uma correlação com a memória:

Gestão do conhecimento não é tecnologia. Mas pode se beneficiar, e muito, das novas tecnologias de informação e de comunicação. [...] Gestão do Conhecimento não é documentação, mas tem tudo a ver com uma memória organizacional coletiva, dinâmica e compartilhada. Gestão do Conhecimento também não é gestão de Recursos Humanos, mas só se realiza com as pessoas da organização. (TEIXEIRA FILHO, 2000 apud CRUZ, 2014, p. 39).

A oralidade também está inserida na gestão do conhecimento, o que corrobora com a interseção pretendida dos assuntos

[...] dentro das organizações, em um contexto globalizado na perspectiva da gestão do conhecimento, é possível perceber a presença de quatro pilares que legitimam a complementação profissional através da oralidade: colaborar, cooperar, consultar e compartilhar (AMPARO, 2012, p. 6).

Além de analisar a memória, a informação e o conhecimento como temas que possuem pontos convergentes, é preciso reconhecer a memória na área da CI. A partir de uma pesquisa de doutorado, Oliveira e Rodrigues (2010) apresentam um estudo do conceito de memória na Ciência da Informação no Brasil, objetivando compreender a apropriação e reformulação do conceito na produção científica da área. Teses, dissertações, artigos científicos e anais do período de 1972 a 2005 foram analisados buscando identificar os termos “atratores” do conceito de memória (por exemplo, memória e informação) e as adjetivações atribuídas ao conceito (como memória social, memória institucional, memória coletiva etc.). Este trabalho do levantamento do estado da arte revelou-se esclarecedor por apresentar um panorama de como a Ciência da Informação problematiza a questão da memória e por apresentar os estudos próximos da presente investigação.

A partir desse estudo buscou-se conhecer mais a respeito das adjetivações relacionadas a memória e definir se, para o objetivo proposto, seriam utilizados os conceitos e teorias da memória organizacional, institucional ou coletiva. As autoras explicam que a apropriação das adjetivações da memória é promovida por outros autores da CI, que buscam delimitar os objetos de pesquisa ou os contextos estudados.

De acordo com o levantamento, a maioria das pesquisas que trazem uma abordagem da memória organizacional são aquelas relacionadas à Gestão do Conhecimento. A relação dessa adjetivação da memória está constantemente relacionada com aprendizagem e conhecimento e visa a melhoria do desempenho da organização (MORESI, 2006 apud OLIVEIRA; RODRIGUES (2009).

Considerando o objetivo de pesquisa, que é construção da memória de um grupo enquanto profissionais bombeiros e, conseqüentemente a construção da memória da própria instituição, o conceito de memória organizacional poderia ser dialogado com outros conceitos. Porém, por escolha teórica e metodológica decidiu-se por dar enfoque a memória coletiva e aos “lugares de memória”, baseado nos autores já mencionados e que terão seus conceitos apresentados na subseção 2.1.

Nesse sentido, procurou-se na Biblioteconomia e CI autores que também retratassem esses conceitos. Como na primeira Jornada de estudos interdisciplinares em Ciência da Informação que, em 2009, pesquisadores da CI procuraram trabalhar na temática central os problemas relacionados à questão da memória de arquivos, museus e bibliotecas e a relação teórica/prática dos profissionais dessas áreas (MURGUIA, 2010). Tiveram como incentivo o então recém-criado Grupo de Trabalho 10 (GT10) da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ANCIB). Intitulado como “Informação e memória”, O Grupo considera que

[...] na atualidade os estudos sobre Memória social são uma referência a diálogos transdisciplinares que envolvem os mais diversos campos, dentre os quais, em especial, aquele afeto a informação. Quer se articule ao plano da oralidade ou ao da escrita, a transmissão da informação sempre esteve atrelada às condições de memória da humanidade. (DODEBEI, 2010, p. 60).

Vera Dodebei, ao longo dos seus estudos (como por exemplo nos trabalhos de 2006, 2008 e 2010),

investiga as relações entre informação, memória e virtualidade, trazendo grandes contribuições para este trabalho, já que o objetivo é a construção de um “lugar de memória” no meio virtual como produto de uma biblioteca.

As unidades de informação, na sua grande maioria, estão inseridas em uma organização, governo ou comunidade. Elas têm como um dos seus objetivos a busca e mediação da informação, e a preservação da memória desse grupo.

Castro (2006) coloca-se como defensor da biblioteca como um “lugar de memória”. O seu artigo enriquece a pesquisa mostrando o papel do bibliotecário neste contexto:

Advogo a ideia de que o bibliotecário é um guardião desse patrimônio e que, de posse de instrumentais teóricos, técnicos e tecnológicos, pode contribuir para as desterritorializações do acervo sob sua custódia, através do uso da informática e da digitalização. (CASTRO, 2006, p. 13).

Na mesma clave, em sua investigação acerca da Biblioteca Municipal de Jaraguá do Sul, Eggert-Steindel (2009) defende essa instituição pública de leitura como um “lugar de memória” na medida que o estudo revelou as diferentes iniciativas, quer do poder público ou de indivíduos, para a constituição dessa biblioteca pública.

A memória, por ser volátil, retém as informações relevantes, deletando o resto. Barreto (2000), afirma que:

contudo, as instituições de memória, de estoques, podem operacionalizar o esquecimento e através de mecanismos de administração tentar diminuir os estoques excedentes, reformatar ou fragmentar a estrutura da memória.

Em relação à produção intelectual, científica e cultural da sociedade, Verri (2012) afirma que os “lugares de memória” podem demarcar, preservar, e permitir a circulação desse tipo de informação. A autora ainda salienta que as

informações registradas em diferentes suportes, selecionadas, agrupadas e organizadas em bibliotecas, arquivos e museus, formam os lastros do conhecimento, dos saberes estruturadores de indivíduos e de coletividades. (VERRI, 2012, p. 2).

Desta forma, entende-se que as unidades de informação são apropriadas para a construção dos “lugares de memória” por conterem as estruturas básicas de organização da informação, independente da sua natureza. A contextualização acerca do conceito de memória inserida na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação é pertinente, na medida que a temática assume diferentes ramificações e é necessário saber de que forma ela é apresentada na área desta pesquisa.

Cada vez mais empresas e instituições buscam desenvolver projetos voltados para a memória coletiva ou institucional por reconhecer o valor de contar suas histórias. Com a internet, os espaços para tais projetos virtualizaram-se, permitindo o compartilhamento dessas histórias.

Portanto, além do referencial teórico, próprio de uma pesquisa, buscou-se conhecer sobre alguns projetos criados por instituições, empresas ou entidades sem fins lucrativos que tivessem a memória e a colaboratividade como foco e, assim, pudessem servir de inspiração para a construção da Rede de memórias. Os aspectos tecnológicos não foram levados em consideração, já que esses possuem uma estrutura própria. A seguir, serão

apresentados dois programas consolidados, cujas experiências resultaram bibliografias e uma metodologia, a qual foi adotada nesta dissertação.

O primeiro é o Museu da Pessoa⁴, que visa ser um ambiente “colaborativo que transforme as histórias de vida de toda e qualquer pessoa em fonte de conhecimento, compreensão e conexão entre pessoas e povos” (MUSEU DA PESSOA, 2016). Worcman e Pereira explicam que o museu virtual de histórias de vida é “aberto à participação de todos que desejam registrar sua história, bem como conhecer histórias de outras pessoas” (WORCMAN; PEREIRA, 2006, p. 199).

Figura 1 – Portal do Museu da Pessoa



Fonte: Museu da Pessoa, 2016.

O Museu da Pessoa foi criado em 1991 na cidade de São Paulo e, embora a internet não fosse ainda notória, já se definia como um museu virtual. Não está vinculado a qualquer tipo de empresa ou órgão estatal, sendo estas

⁴ O Museu da Pessoa atua em projetos de construção de memórias de empresas, instituições públicas e privadas e de comunidades, acessível no portal <http://www.museudapessoa.net>. (KESSEL, 2006)

instituições apenas patrocinadoras, pois se caracteriza como organização da sociedade civil de interesse público, sem fins lucrativos. A primeira versão virtualizada surgiu em 1997 e, em 2003, foi lançado o Portal, que atualmente possui ferramentas para pessoas e comunidades criarem sua própria coleção de histórias (WORCMAN; PEREIRA, 2006; MUSEU DA PESSOA, 2016).

O diferencial do Museu da Pessoa para essa pesquisa é o fato de ser um projeto de vanguarda. No portal, é evidente a importância dada à história de cada pessoa e o incentivo à inclusão de imagens e vídeos para enriquecer a narrativa. Como será apresentado posteriormente, a categoria “depoimentos” foi idealizada com base nesse portal, que valoriza os relatos da memória individual. Além disso, observa-se que essas memórias não estão associadas a uma instituição e que, portanto, é possível a construção de um “lugar de memória” com base em pessoas ou em um grupo.

Mais do que manter o portal em funcionamento, a equipe do Museu da Pessoa desenvolveu uma metodologia própria com base nas técnicas da história oral. Karen Worcman, uma das diretoras e fundadoras do Museu, organizou juntamente com Jesus Vasquez Pereira o livro “História falada: memória, rede e mudança social”, em 2006. Ele traz artigos de estudiosos na área de história oral apresentados em um seminário do mesmo tema e, ao final, oferece o guia metodológico desenvolvido no Museu. Com isso, os autores empenham-se em disseminar a metodologia, estimulando outras organizações sociais a “[...] construir suas próprias histórias para registro e difusão de narrativas pessoais baseada nas técnicas da História Oral” (WORCMAN; PEREIRA, 2006, p. 199).

Uma dessas organizações foi a Petrobrás, que em 2004 criou o Memória Petrobras⁵. O programa tem como objetivo “[...] preservar, integrar e divulgar a história da companhia, principalmente pela perspectiva de seus trabalhadores e parceiros” (PETROBRAS, 2016).

Figura 2 – Portal da Memória Petrobras



Fonte: Petrobras, 2016.

Na sua apresentação, o programa Memória Petrobras relata que a metodologia utilizada é a história oral, cuja fonte principal é a história de vida dos depoentes. O programa reconhece “o patrimônio material e imaterial da companhia como parcela importante da história tecnológica, empresarial e econômica do Brasil” (PETROBRAS, 2016). Em uma pesquisa junto à Petrobras, Amparo (2012, p. 2) admite que a instituição, mesmo contando com ferramentas tecnológicas de ponta, concentra seu maior ativo nos indivíduos, pois são esses os “[...] sujeitos que detêm a riqueza intelectual, riqueza do saber, riqueza do fazer e riqueza da transformação”.

⁵ Programa de Memória coletiva e institucional da Petrobrás, acessível no endereço: <<http://memoria.petrobras.com.br/>>.

Para o programa Memória Petrobras, “[...] os depoentes são selecionados de acordo com sua participação nos fatos pesquisados, sem distinção de hierarquia e cargo” (PETROBRÁS, 2016). Desta forma, acredita-se que a construção da memória coletiva seja mais democrática, pois fornece maiores subsídios à interpretação da história. O acervo é formado por registros orais, documentos textuais, iconográficos e audiovisuais.

A Memória Petrobras possui pontos convergentes com a proposta desta pesquisa. O primeiro diz respeito às pessoas que trabalham na instituição e como as suas histórias podem construir a memória da empresa, independente da hierarquia. A partir desse projeto, foi idealizada a categoria “pessoas” da Rede de memórias, que corresponde aos “depoentes” na Memória Petrobras, onde tem um pouco da trajetória de quem conta a história.

A política de privacidade da Memória Petrobras e as sugestões de escrita do Museu da Pessoa contribuíram também para a criação das diretrizes da Rede de memórias.

Foram ainda localizados outros projetos semelhantes, com diferentes temáticas e enfoques, que propagam a noção de construção da memória coletiva em ambientes virtuais, porém, como já mencionado, o Museu da Pessoa e a Memória Petrobras apresentam características de programas já consolidados e reconhecidos pela comunidade a qual pertencem. Eles também são respaldados por pesquisadores de diversas áreas, como Worcman e Pereira (2006) e Amparo (2012), os quais produzem conhecimento científico a partir das suas experiências.

Na subseção que segue, a fim de delinear um quadro teórico desta pesquisa, foram utilizados os conceitos de memória, assim como a concepção de “lugar

de memória”, as questões de colaboratividade, Web 2.0 e suas ferramentas.

2.1 QUESTÕES ACERCA DO CONCEITO DE MEMÓRIA

A memória pode ser conceituada como o ato de conservar certas informações ou como um conjunto de funções psíquicas que garantem que o homem possa atualizar impressões ou informações passadas. Este conceito é apresentado por Le Goff (2003), que ainda afirma que a identidade, individual ou coletiva, é formada por essa memória e que a sua busca é, atualmente, uma das atividades dos indivíduos e das sociedades.

Embora esse conceito pareça ser algo relativamente íntimo, próprio da pessoa, Halbwachs (apud POLLAK, 1992, p. 201) enfatiza que

[...] a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes.

Na mesma linha de pensamento, Murguia (2010, p. 8) complementa:

Na década de 1920 algumas dessas considerações vindas da memória individual foram colocadas para a problemática da memória coletiva, com a qual a memória individual com uma ênfase a mais: ela é um elemento necessário para a identidade de um grupo, de uma coletividade, de uma sociedade.

Em pesquisas desenvolvidas no início do século XX, Maurice Halbwachs (2004) propôs o conceito de memória coletiva, que enfatiza a combinação de memórias individuais de pessoas que pertencem a uma mesma comunidade, pois o indivíduo só é capaz de

lembrar se estiver inserido em um determinado contexto e grupo.

As interações, que formam as relações sociais dos indivíduos ou com a comunidade são importantes para a construção da memória, já que no processo de seleção a lembrança é incompleta ou parcial, e ainda há a interferência do tempo presente. Porém, esse grupo não serve só como testemunho, reforçando e completando as memórias. É preciso que as memórias individuais tenham pontos de contato e não sejam adversas, pois para que a lembrança seja recordada, é necessário que seja reconstruída sobre uma base comum (HALBWACHS, 2004).

Por outro lado, Valiati (2014) compreende, de acordo com a teoria de Halbwachs, que a memória individual e a coletiva estabelecem interações, já que a primeira também é respaldada pela coletiva, pois quando um indivíduo se apoia sobre a lembrança do outro, é como se uma mesma experiência fosse recomeçada por várias pessoas. Além disso, esse conhecimento sobre o passado deve ser compartilhado, mutuamente reconhecido, e reforçado por uma coletividade (HALBWACHS, 1992 apud SAVELSBURG; KING, 2011, tradução livre nossa).

Outra característica importante do conceito de memória diz respeito à sua volatilidade. Para Henriques (2014), as memórias são sempre construídas no presente, a respeito de um passado, mas que se ancora no futuro. Ela afirma que o indivíduo, ao contar e recontar episódios de sua vida, entra em um processo ficcional, já que não é possível recordar e registrar fatos exatamente de acordo como aconteceram, mas o que restou de lembrança e esquecimento do que se passou. Portanto, quando se discute acerca de memória, faz-se referência em respeito a vestígios ou representações da realidade, já que toda

memória é, primeiramente, a “[...] faculdade de conservar os vestígios do que pertence já em si a uma época passada” (POMIAN, 2000 apud HENRIQUES, 2014, p. 38). Logo, a construção do passado é imperfeita, pois é marcada por dúvidas.

Para esta pesquisa, cabe traçar uma breve correlação entre os conceitos de memória e história, pois a priori a questão é tratar da memória coletiva de um grupo pertencente a uma entidade formal, que possivelmente contém documentos e registros sobre a sua história. Mesmo assim, a construção de um “lugar de memória” para esse grupo não deve excluir a história, e sim, integrá-la com a memória.

O historiador contemporâneo Pierre Nora (1993) afirma que, apesar da memória e da história terem a mesma matéria-prima – o passado, elas estão em lados opostos e não se confundem. Para o autor

a memória é um processo vivido, conduzido por grupos vivos, portanto, em evolução permanente e suscetível a todas as manipulações, e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento. (NORA, 1993, p. 9).

A memória é afetiva, não se acomoda a detalhes, alimenta-se de lembranças vagas, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. Com base nos ensinamentos de Halbwachs, Nora (1993) argumenta que ela emerge de um grupo que a une, que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A memória enraíza-se no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto.

Já a história é registro, distanciamento, problematização, crítica e reflexão. É a construção

sempre problemática e incompleta do que não existe mais. Por ser uma operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A história, ao contrário da memória, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. A história começa onde a memória acaba e a memória acaba quando não tem mais como suporte um grupo (NORA, 1993).

Por muito tempo, segundo Kessel (2007), os estudos de história privilegiaram os documentos escritos, objetos e vestígios que possibilitassem compreender e construir a história, apoiando-se nos documentos que garantiriam a veracidade dos acontecimentos. Tais estudos beneficiavam os grandes movimentos e a história dos grupos dominantes das diferentes sociedades.

Worcman e Pereira (2006, p. 202) concordam ao dizer que toda história é uma narrativa organizada por alguém (uma comunidade, um historiador, um órgão oficial ou a própria mídia) em determinado tempo e implica em uma seleção de fatos e personagens que consideram importantes. Desta forma, é essa estrutura social que determina o que tem valor na memória. A partir disso a construção da narrativa histórica oficial (registrada e consolidada em documentos, livros didáticos, filmes etc.) é subsidiada por esse grupo que seleciona e articula os registros da memória.

A memória coletiva, ao utilizar metodologias alternativas ao trabalho estrito com documentos, como o uso da história oral, por exemplo, torna o grupo minoritário mais acessível.

Memória individual e coletiva se alimentam e têm pontos de contato com a memória

histórica e, tal como ela, são socialmente negociadas. Guardam informações relevantes para os sujeitos e têm, por função primordial garantir a coesão do grupo e o sentimento de pertinência entre seus membros. Abarcam períodos menores do que aqueles tratados pela história. Têm na oralidade o seu veículo privilegiado, porém não necessariamente exclusivo, de troca. Já a memória histórica tem no registro escrito um meio fundamental de preservação e comunicação. Memória individual, coletiva e histórica se interpenetram e se contaminam. Memórias individuais e coletivas vivem num permanente embate pela co-existência e também pelo status de se constituírem como memória histórica. (KESSEL, 2007, p. 5).

Sob a mesma óptica, Beim (2007 apud LOPES, 2011) diz que, ao pensar na memória coletiva como um produto da interação individual com outros indivíduos e entre representações institucionais da história, pode-se utilizar o termo memória coletiva para descrever tanto o pensamento individual como o conteúdo institucionalizado (objetos da memória coletiva institucionalizados).

Quanto ao compartilhamento da memória já citado por Halbwachs (2004), Casalegno (2006) complementa dizendo que a memória coletiva é concebida quando “[...] toda a coletividade pode acessá-la e nutri-la, porque são os indivíduos que participam de sua criação”. Outrossim, é importante:

[...] promover a partilha da memória cotidiana e informal, além de buscar tornar acessível não apenas a memória histórica, formal (importante, certamente), mas também a memória vivida e interpretada

pelos seres humanos. (CASALEGNO, 2006, p. 21).

Murguia (2010, p. 7-8) ressalta que “[...] lugares, pessoas e conhecimentos são lembrados porque inúmeros outros são esquecidos” e, com isso, há uma inquietação de opiniões dentro da memória acerca do que deve ser lembrado, ou seja, preservado. O autor ainda afirma que “[...] toda memória, oficial ou não, precisa de um enquadramento, de uma organização para que possa vir a ser um elemento importante na formação de identidades”.

Essa organização ou esses espaços podem ser chamados de “lugares de memória”, conceito criado por Nora e problematizado na seção a seguir.

2.1.1 “Lugares de memória”

O historiador Pierre Nora (1993) apresenta o conceito chave que é usado nesta pesquisa, “lugares de memória”, como espaço físico material usado como suporte para formar uma memória coletiva imaterial.

A partir do conceito desse autor, Silveira (2007, p. 44) argumenta que os “lugares de memória” são formados para “[...] servir de apoio à salvaguarda da materialidade simbólica concebida como elemento de representação coletiva”, já que a memória humana é seletiva, lacunar e falível. Nora (1993, p.14), de modo emblemático, lembra que quanto “menos a memória é vivida do interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através dela”. Literalmente afirma:

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história

que a chama, porque ela a ignora. [...] valorizando, por natureza, mais o novo do que o antigo, mais o jovem do que o velho, mais o futuro do que o passado. (NORA, 1993, p. 13).

Eles nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, manter aniversários e organizar celebrações, preservar monumentos, santuários e demais lugares onde se ancora e se exprime a memória coletiva, porque essas operações não são naturais. A partir disso, é possível romper as determinações do tempo e espaço, como afirma Halbwachs (NORA, 1993; CASTRO, 2006).

Como já contextualizado nas diferenças de memória e história, pode-se dizer que os “lugares de memória” são “[...] a defesa pelas minorias de uma memória refugiada sobre focos [...] e que, sem vigilância comemorativa, a história depressa as varreria” (NORA, 1993, p. 13). O autor discorre sobre as inquietações dessas diferenças e a importância do “lugar de memória” diante desse contexto:

Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de constituí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que elas envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. (NORA, 1993, p. 13).

Ainda sobre a necessidade de criação desses espaços, Murguia (2010) afirma que diante das mudanças decorrentes da sociedade industrial, a transmissão da memória coletiva perdeu seus canais. Ele explica que “os lugares de memória” assumiram diferentes funções:

Esses espaços podem ser simbólicos[...] ou físicos. Os espaços da memória têm assim, uma dupla função: **simbólica**, no sentido de representar dentro de uma cidade ou espaço dedicado à recordação social; uma **função informacional**, no sentido de lembrar os acontecimentos, pessoas e lugares que realmente existiram e cujas provas podemos encontrar nesses lugares. Pautados nessas considerações, entendemos **arquivos, bibliotecas e museus como lugares de memória**, mas consideramos também que o entendimento de cada um deles a respeito da memória, devesse ser aproximado, num encontro no qual, múltiplos olhares sobre o tema fossem apresentados. (MURGUIA, 2010, p. 8-9, grifo nosso).

Na proposta deste trabalho, a biblioteca tem um papel particular para a construção do espaço virtual de memória. A Biblioteca CBMSC já exerce a função informacional ao preservar e disseminar na corporação a sua produção intelectual. Os trabalhos acadêmicos e publicações técnicas retratam o desenvolvimento profissional, social e tecnológico das práticas do bombeiro do estado de Santa Catarina ao longo dos anos, além de servir como subsídio para a construção de novos conhecimentos. Contudo, por ser um “lugar de memória”, a biblioteca tem potencial para desenvolver ainda mais produtos ou serviços para dar suporte à memória desse grupo.

Neste sentido, Silveira (2007) concorda ao dizer que as bibliotecas, por terem a missão de preservar, organizar e disseminar os elementos culturais e os saberes, fazem com que este “lugar de memória” se torne um instrumento de reafirmação da "identidade" individual ou coletiva. Ainda de acordo com o autor, as bibliotecas:

São lugares que nutrem e valorizam nossa cultura e nossa memória coletiva, além de nos permitir manter vivos os elementos que definem as bases conceituais daquilo que entendemos por identidade, seja esta nacional, local ou individual. Em suma, elas se constituem como um “lugar de memória” porque auxiliam à preservação e à sobrevivência de uma determinada cultura ao longo de seu transcurso histórico. (SILVEIRA, 2003, .44-45).

Além da função de preservação, de acordo com Castro (2006, p. 13), as bibliotecas têm o papel da criação e compartilhamento da memória de uma comunidade. Para tanto, o autor afirma que:

[..]a biblioteca é um “lugar de memória” e espaço de armazenamento das materialidades textuais produzidas em tempos e localidades diversos e que desempenha, mesmo com todo avanço tecnológico, o papel de guardião do conhecimento. Não no sentido de guardar para si o patrimônio material e imaterial produzido por homens e mulheres do passado, mas de, através dele, possibilitar o acesso a um passado disforme que pode ganhar sentido nas mãos de pesquisadores, bibliotecários e leitores. (CASTRO, 2006, p. 13).

Lopes (2011) que, assim como Castro, considera bibliotecas, museus e arquivos como Instituições de memória, alegando que tais entidades “têm a necessidade de otimizar as atividades de recolha de elementos dispersos pela memória viva que existem nos membros das comunidades” (LOPES, 2011, p. 7). Assim, mais que um espaço arquitetônico, a biblioteca

[...] é um lugar de diálogo com o passado, de criação e inovação, e a conservação só tem sentido como fermento dos saberes e motor dos conhecimentos, a serviço da coletividade inteira. (BARATIN; JACOB, 1995 apud CASTRO, 2006, p. 12).

A fim de não estabelecer a sociedade do esquecimento em contraponto à sociedade conhecimento, Castro (2006) pondera que é vital que sejam construídos, preservados e valorizados os “lugares de memória”. Essa construção depende do posicionamento dos profissionais da informação e dos agentes presentes no processo de construção, transmissão e produção do conhecimento, pois “mais do que se inserir num processo tecnológico, as bibliotecas têm que se debruçar num processo de reedificação do ser humano” (CASTRO, 2006, p. 15).

Nessa perspectiva, o bibliotecário deve [...] tornar-se um defensor da preservação e a da conservação do patrimônio histórico da humanidade. Tem o dever de considerar livros, manuscritos, imagens e sons produzidos no passado como instrumentos para a construção de uma compreensão ampla do tempo presente, garantindo a cada povo e nação uma identidade cultural integrada e legítima, diversa e unitária (CASTRO, 2006, p. 16).

Diante do esclarecimento do autor sobre as bibliotecas e seus agentes na formação da identidade cultural de um grupo, questiona-se as relações de patrimônio, memória e a virtualidade. Como na perspectiva do espaço e tempo cada vez mais virtual, esses conceitos encaixam-se e podem trazer respostas para o objetivo desta pesquisa?

Assim, procurar-se-á entender tais conceitos a seguir, quando se traçam paralelos de memória e patrimônio digital, e esses novos lugares de memória em ambientes online.

A princípio deve-se apresentar um conceito ainda não mencionado: o de patrimônio. Para Dodebei (2008, p. 2), este conceito

é adequado às ideias de: herança, tradição, conhecimento, experiência, legado, vivência, entre outras expressões que denotam a ideia de transmissão natural da cultura, de uma geração à outra.

A autora afirma que o patrimônio digital é

[...] constituído por bens culturais criados somente em ambiente virtual ou por bens duplicados na representação da web e sobre materiais digitais que incluem textos, bases de dados, imagens estáticas e com movimento, áudios, gráficos, software, e páginas web, entre uma ampla e crescente variedade de coleções que representam desde objetos pessoais a acervos tradicionais de instituições de memória (DODEBEI, 2006).

Ou, resumidamente, o patrimônio digital é como um composto de informações que transitam no ciberespaço. Neste contexto, Rios (2007) lembra que os lugares de

memória também se virtualizaram. Eles podem ser acessados pelos membros do mesmo grupo que o fomenta e servem como elemento fortalecedor de seus laços e identidade, assim como outros grupos ou pessoas que queiram acessá-los.

Ainda de acordo com o autor, os lugares de memória passam a assumir características próprias do ciberespaço e, embora não tenha mais um referencial geográfico definido, encontram-se disponíveis em “[...] outra medida de acessibilidade e a partir de outros meios que não o presencial” (RIOS, 2007, p. 2). Pode-se afirmar que o espaço da celebração e culto à memória é

[...] uma maneira bastante eficiente de atualizar o passado, a identidade dos grupos e os valores vividos que se deseja transmitir para as gerações seguintes que se agregam ao grupo em questão. (RIOS, 2007, p. 6).

A construção da memória coletiva é desenvolvida a partir das memórias individuais dispersas nos membros de um grupo. Mas como é esse processo de construção da memória na internet?

Dodebei (2008, p. 2, grifo nosso) faz uma relevante conexão com o conceito já apresentado de Lévy e com a memória no meio virtual:

A memória virtual da inteligência coletiva, projeto internacional coordenado por Lévy junto à Universidade de Ottawa no Canadá, pode ser considerado, de certo modo, a **atualização para o ciberespaço do conceito de memória coletiva** desenvolvido por Maurice Halbwachs e do conceito de memória pura ou virtual em Henri Bergson. (DODEBEI, 2008, p. 2, grifo nosso).

Henriques (2014) traz elucidações a esse respeito: os processos de registros de narrativas sobre o passado na web são feitos por meio de textos ou de imagens, de forma a montar um mosaico da vida de quem posta.

Como já explicado acerca das representações, é a visão atual do mundo que é transmitida nesta postagem, portanto, pode-se dizer que a atividade de contar história é sempre temporal. Além de trazer um novo tipo de tecnicidade, o computador traz consigo também “uma linguagem “cíbrida”, ou seja, o hibridismo sígnico e midiático que é próprio do ciberespaço” esse hibridismo é chamado também hipermídia e possibilita a integração dos conteúdos, por exemplo, textuais e imagéticos. (SANTAELLA, 2007 apud HENRIQUES, 2014, p. 57).

Murray (2003), citada por Henriques (2014, p. 58), afirma que os “[...] ambientes digitais são procedimentais, participativos, espaciais e enciclopédicos”. Para a autora, o ambiente digital pode fomentar o registro da memória cotidiana, como uma engrenagem, pois esse ambiente estimula a participação e a interação entre as pessoas. A internet possibilita a criação de narrativas em forma de mosaicos, formando justaposições e permite “[...] uma leitura da memória social através das junções de seus vários pedaços”.

Cada vez mais são desenvolvidos artifícios sofisticados para conservar e disseminar a memória em textos e imagens. Segundo Kessel (2007), as novas tecnologias são capazes de guardar grandes quantidades de informações e abarcar todos os meios inventados anteriormente para registrar e armazenar a memória.

O compartilhamento da memória cotidiana e informal, seja ela coletiva, histórica ou institucional, vem sendo feito com o uso dessas tecnologias, que registram e eternizam momentos históricos da sociedade. Crippa

(2007, p. 121) nomeia essas tecnologias e as descreve dentro do contexto da memória:

Os Sistemas Artificiais de Memória (SAM), ou seja, todos os objetos materiais que permitem gravar, estocar, manipular, transmitir e ler a informação, libertaram o homem dos limites de sua memória biológica, e influenciam os mecanismos de tomada de decisão, enriquecendo qualitativamente a memória coletiva. De fato, graças aos SAM, podemos compartilhar lembranças que alguns jamais vivenciaram. Hoje em dia, quando se pensa nos suportes de registro digital, a referência à memória é constante como elemento quantitativo essencial para o armazenamento e a recuperação das informações. Uma memória, virtual, feita de impulsos e bytes, que deslocam seu sentido, de maneira última, para o “exterior”, para a máquina. O humano despoja-se integralmente da tarefa de lembrar. A memória é tecnológica, a memória é produtiva. (CRIPPA, 2007, p. 121).

O fato dessas ferramentas serem colaborativas faz com que as plataformas de compartilhamento fiquem voltadas para “um grupo minoritário ignorado pela história oficial, [pois] possibilita a transformação de um “fazer memória” em um “fazer história” (MAAZOUZI 2011 apud DODEBEI; DOYLE, 2015).

Logo, percebe-se que tais ferramentas na internet, que tem como essência a colaboração e o compartilhamento, podem ser propícias no processo de registrar, armazenar e divulgar a memória e, principalmente, em democratizar os registros históricos.

2.2 A COLABORATIVIDADE E SUAS FERRAMENTAS

É perceptível as transformações que a sociedade vem passando nas últimas décadas: o avanço da economia da informação e do conhecimento geraram o desenvolvimento de novas tecnologias, como por exemplo, nos campos da comunicação. O sociólogo Manuel Castells (2003) afirma que tais mudanças mediadas por computadores conectados as tecnologias de telecomunicação formataram a já existente sociedade em rede (ALMEIDA, 2009).

Acredita-se que esse tipo de processo social dinâmico de trocas de saberes resulte no reconhecimento e enriquecimento mútuo das pessoas, na valorização de suas competências e não apenas nas comunidades. Este pode-se afirmar é o pressuposto de Pierre Lévy (2003, p. 28) que apresenta o conceito de inteligência coletiva, a qual é “distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”.

Baseado ainda no conceito de Lévy, Cavalcanti e Nepomuceno (2007) afirmam que a internet permitiu a criação de um novo tipo de geração de conhecimento, que eles chamam de inteligência coletiva em rede. Este conceito é baseado nos “resultados do compartilhamento da informação de um grupo em determinado ambiente propício, com base em determinados fatores, para ampliação do conhecimento”. Os autores nomeiam tais grupos de comunidades em rede, pois as “pessoas acessam o mesmo ambiente virtual e fornecem informações de forma voluntária ou involuntária, permitindo gerar conhecimento coletivo” (CAVALCANTI; NEPOMUCENO, 2007, p. 35,46).

Há ainda a indicação de outro conceito, o de cultura colaborativa, que

tem como principal objetivo a quebra de barreiras pessoais, culturais, hierárquicas, geográficas, dentre outras, que promovam uma cultura individualista na organização (DRUZIANI; CATAPAN, 2012, p. 102).

Na internet, o caráter colaborativo, embora não seja recente, ainda provoca constantes mudanças na forma com que as pessoas se relacionam neste meio. Por isso, é possível criar comunidades com interesses semelhantes independente da distância, com baixo custo e em tempo real. Praticamente tudo pode ser compartilhado e assim há mais conexões e velocidade na obtenção de informações.

Tais mudanças aconteceram com a concepção da Web 2.0⁶, conceito criado para designar uma nova geração de recursos na internet, que se apresenta como um novo meio de interação, onde as conexões são de “muitos para muitos” e não mais de “um para muitos”. Nos últimos doze anos⁷ ela vem modificando o comportamento e a forma de interagir dos indivíduos, pois a partir de então os usuários passam de meros espectadores a criadores de conteúdo e de ambientes hipertextuais.

Blattmann e Silva (2007, p. 198) consideram a web descentralizada, “na qual o sujeito torna-se um ser ativo e participante sobre a criação, seleção e troca de conteúdo postado em um determinado site por meio de plataformas abertas”. Aguiar (2012) complementa afirmando que a

⁶ Termo designado por O’Reilly e Dougherty em 2004 (O’REILLY, 2005).

⁷ Apesar de já se falar na terceira geração da web (3.0), é importante ressaltar que a web 2.0 está sendo vivenciada neste momento. As suas ferramentas já estão consolidadas e ainda existem muitas possibilidades a serem exploradas.

Web 2.0 não representa apenas uma tecnologia, mas uma nova atitude de seus utilizadores.

Com ela surgem novas ferramentas, com características de participação, colaboração, partilha e criação de conteúdos que podem dar o apoio necessário para este fim, como podemos verificar no item que segue.

2.2.1 Ferramentas colaborativas

Essa geração de ferramentas na internet possibilita, além da criação e compartilhamento de conteúdo, a interação e colaboração com seus autores. Shirky (2012, p 94) afirma que estas “permitem a colaboração de grupos grandes, beneficiando-se de motivações não financeiras e admitindo níveis extremamente diversos de contribuição”.

Essas ferramentas, que promovem a criação e disseminação de conteúdos multimídia, surgem em diversos formatos de publicação, como blogs, *wikis*, *mashups*, comentários, partilha de vídeo e imagens, redes sociais da internet, entre outros. Elas proporcionam o aumento dos espaços para a interação entre os utilizadores e propiciam o trabalho coletivo, a produção e circulação da informação, remetendo a uma cultura participativa (AGUIAR, 2012).

Essas construções colaborativas, de acordo com Howe (2009) são provenientes dos processos de *crowdsourcing*, definidos por modelos de criação e/ou produção baseado em redes de conhecimento coletivo para solucionar problemas, criar conteúdo ou inventar novos produtos de forma colaborativa.

As ferramentas, metodologias e interesses dessa fase da internet, como os blogs, *wikis*, listas de discussões, por exemplo, potencializam as relações entre

as pessoas e geram conhecimento de forma coletiva (CAVALCANTI; NEPOMUCENO, 2007).

Com a Web 2.0 já consolidada, hoje há uma gama de ferramentas colaborativas para as mais diversas funções. No meio de tantas possibilidades, foi necessário observar alguns requisitos para a efetiva funcionalidade de uma ferramenta no CBMSC. Um deles é o tipo de software que pode ser usado na instituição.

Nos órgãos federais, o uso de software livre⁸ foi regulamentado a partir de uma decisão estratégica da Política de Tecnologia de Informação e Comunicação. Em 2003, foi criado o Comitê Técnico para Implementação do Software Livre (CISL), que tem como propósito “[...] orientar e difundir as plataformas abertas e livres entre as instituições governamentais” (BRASIL, 2010).

Em Santa Catarina, a Lei de Software Livre nº 12.866, de 12 de janeiro de 2004, garante que o estado utilizará preferencialmente programas abertos em seus sistemas e equipamentos de informática (SANTA CATARINA, 2004). O Centro de Informática e Automação do Estado de Santa Catarina (CIASC) mantém ainda programas de capacitação em software livre, que propõe oferecer treinamento aos demais órgãos do Estado para formar mão de obra qualificada em programas de código aberto (SANTA CATARINA, [2015]).

No CBMSC também é regulamentado o uso dessas tecnologias quando publicado em instrução normativa que a instituição “[...] utilizará como padrão programas de código aberto em seus sistemas, serviços e equipamentos de informática” (CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE

⁸ O conceito de software livre diz que qualquer usuário tem a liberdade de executar, copiar, distribuir, estudar, mudar e melhorar o software e seu código fonte, sem que tenha a necessidade de pedir ou pagar pela permissão para fazê-lo. (FREE SOFTWARE FOUNDATION, 2016; GNU OPERATING SYSTEM, 2016).

SANTA CATARINA, 2014). Portanto, todos os sistemas desenvolvidos dentro da corporação devem obedecer a esse indicador.

Como um órgão estadual, o CBMSC é um grande entusiasta na utilização de software livre, pois defende a preferência desse tipo de software para as ações de tecnologia. A corporação possui, na Divisão de Tecnologia da Informação (DiTI), uma equipe técnica qualificada e equipamentos atualizados para o desenvolvimento ou adaptação de softwares livres. Programas como o E-193 e o Firecast⁹ foram desenvolvidos ou modificados no CBMSC e distribuídos para outras corporações. São utilizados para atendimento e gerenciamento de ocorrências ou para levar informação à comunidade, que pode baixar os aplicativos em dispositivos móveis.

A Biblioteca CBMSC também acompanha o uso de software livre para o desenvolvimento de produtos e serviços. O Joomla, como sistema de gerenciamento de conteúdo para o portal; o Gnuteca para gestão da Biblioteca; e o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER) para o gerenciamento da revista científica são exemplos desse tipo de software. São utilizados, principalmente, na divulgação da produção científica do CBMSC e contribuem no processo de tornar a informação pública e significativa. (PORTO; VICENTE, 2015).

Como um produto da Biblioteca, a definição do software para desenvolvimento da Rede de memórias deveria atender as características mencionadas. Para tal escolha foram pesquisados softwares que tivessem também o caráter colaborativo, primordial para a proposta desta pesquisa.

⁹ <http://www.cbm.sc.gov.br/softwarelivre>

Com o objetivo de ilustrar as possibilidades para a construção da Rede de memórias, apresenta-se a seguir alguns tipos softwares que possuem as características mencionadas.

As plataformas CMS (*Content Management System* ou Sistema de Gerenciamento de Conteúdo) são softwares utilizados para a construção de sites e portais de forma colaborativa. Entre os softwares livres mais populares de CMS estão o WordPress¹⁰, Drupal¹¹ e Joomla¹². Essas plataformas permitem a inclusão de componentes, módulos e plugins que acrescentam funcionalidades aos sites. Além disso, são focados na estética, na usabilidade e nos padrões da internet. São utilizados tanto para a criação de páginas pessoais, como por instituições públicas e privadas, das mais variadas áreas.

O software Alfresco¹³ é um exemplo de uma plataforma ECM (*Enterprise Content Management* ou Gestão de conteúdo corporativo) que são voltados para o gerenciamento de documentos e demais conteúdos ligados aos processos de empresas.

Já o Dspace¹⁴ foi desenvolvido para criar repositórios digitais. Ele tem funções de armazenamento, gerenciamento, preservação e visibilidade da produção intelectual. No país ele é distribuído pelo Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia (IBICT) e amplamente utilizado por instituições públicas, principalmente universidades.

¹⁰ wordpress.org

¹¹ www.drupal.org

¹² www.joomla.org

¹³ www.alfresco.com

¹⁴ wiki.ibict.br

Como exemplo de plataforma de comunicação participativa, destaca-se o sistema *wiki*¹⁵, ou simplesmente *wiki*, “[...] que compreende um site gerenciado por um programa de computador, o software *wiki*” (PROGRAMA..., 2015, p. 7). Eles são elaborados para auxiliar grupos na colaboração, partilha e construção de conteúdo online, sendo úteis para pessoas que estão separadas pelo tempo e espaço (LOPES, 2011).

A plataforma é um sistema criado para se tornar um repositório de conhecimento compartilhado. O site funciona a partir de uma divisão espontânea do trabalho, composta de contribuições individuais, geralmente pequenas, feitas por milhares de colaboradores que desempenham funções diferentes. Um usuário cria um artigo, sem precisar ser especialista no assunto e, em seguida, a comunidade de leitores o completa (VALIATI, 2014).

Uma das vantagens dessa ferramenta é que ela é informal e relativamente simples de usar. Lopes (2011) diz que tal fato permite que qualquer pessoa ou grupo restrito possa contribuir ou modificar o conteúdo e ainda possibilita aos utilizadores que não estão familiarizados com linguagem de programação a colaborar na criação.

Schons (2008, p. 83) explica a principal diferença dos *wikis* em relação a outras ferramentas 2.0:

As contribuições podem ser permanentemente revisadas pelos

¹⁵ Não há consenso no significado do termo *wiki* entre os autores pesquisados. Cavalvanti e Nepomuceno (2007) afirmam que o termo é uma sigla em inglês da frase “What I know is...” (O que eu sei é...). Já autores como Tapscott e Williams (2007), Shirky (2012) e a própria Wikipédia alegam que o termo é uma palavra havaiana que significa “rápido, ligeiro, veloz”.

colaboradores conforme for sendo construída, permitindo o acompanhamento a todo o instante do progresso do trabalho. Essa característica fortalece a essência da colaboração, motivando os colaboradores a participarem ativamente do processo de “*inteligência coletiva*”. (SCHONS, 2008, p. 83).

Mais do que inserir conteúdo e participarem do processo, Alvim (2009, p. 241) lembra que os usuários podem “apresentar as propostas para a organização da informação, e simultaneamente introduzir conteúdos, para os preservar, arquivar e permitir a sua consulta”.

Convém ressaltar que os trabalhos de Alvim (2009) e Lopes (2011), ambos de Portugal, apresentam aspectos importantes para a fundamentação teórica dessa pesquisa. Nas duas investigações os autores abordam o uso das wikis relacionados a memória.

A pesquisa de Alvim (2009) apresenta os desafios da implementação da *wiki* como uma ferramenta para conservar, estudar e divulgar as coleções de museus. A autora apresenta exemplos de projetos de museus que fizeram uso da *wiki* e ainda traz as recomendações de Bowen (2008 apud ALVIM, 2009) para serem observadas em trabalhos futuros. Algumas delas foram adotadas neste trabalho, como a criação de categorias e artigos com os primeiros conteúdos para dar o impulso inicial; a permissão da edição controlada pela equipe da biblioteca para garantir a qualidade e uniformidade dos conteúdos, assim como ter um responsável permanente pela administração e supervisão da *wiki*; e a criação de uma política de edição mencionando a citação de fontes e o respeito a privacidade dos colaboradores.

Já a dissertação de Lopes (2011), que visa investigar a construção da memória coletiva com o uso de um combinado de ferramentas Web 2.0, incluindo a *wiki*,

serviu como embasamento teórico em várias questões desse trabalho.

De acordo com a proposta de pesquisa, é importante destacar que, embora se entenda a necessidade de que os indivíduos tenham liberdade para traçar suas memórias, o controle do conteúdo se faz necessário pelo motivo do CBMSC representar uma instituição formal e reconhecida pela sociedade. Para Godwin-Jones (2003 apud LOPES, 2011, p. 39):

As *wikis* podem ser criadas para projetos específicos e com a participação de certo grupo em particular, permitindo um excelente ambiente colaborativo, pois as modificações e entradas são identificadas assim como o autor, permitindo também algum controle sobre os conteúdos.

Observou-se que alguns trabalhos com propostas semelhantes utilizaram mais de um software para desenvolvimento de uma plataforma relacionada à memória. Lopes (2011) chama essa combinação de *mashups*:

Mashups combinam serviços existentes para fornecer um novo serviço que nenhum dos serviços originais prestava isoladamente, podendo também adicionar novos conteúdos para serem combinados com os serviços existentes. (LOPES, 2011).

Portanto, um *mashup* pode combinar em uma só página o conteúdo de diferentes fontes de informação ou tecnologias 2.0.

Um sistema que pode auxiliar na Rede de memórias é o Dspace¹⁶, desenvolvido para criar

¹⁶ <http://wiki.ibict.br/>

repositórios digitais. Ele tem funções de armazenamento, gerenciamento, preservação e visibilidade da produção intelectual. Os vídeos e fotos, por exemplo, podem ser armazenados no repositório, que tem um bom aporte para essas mídias e uma busca eficaz. O uso desse software contribuirá para a gestão da documentação digital da corporação, auxiliando em outros componentes do CBMSC. Porém, mesmo depois de várias indicações para o uso do sistema por parte da equipe da Biblioteca, a corporação ainda está em processo de maturação dessa ideia. Atré-la à Rede de memórias, neste momento, poderia inviabilizar a adesão desta.

Neste sentido, mesmo entendendo as vantagens da mescla de ferramentas, por ser um protótipo, ou seja, uma proposta para ser o início de um projeto institucionalizado e mais complexo, optou-se por começar a construção da memória dos bombeiros militares em um único software, entendendo que possam surgir demandas e que outros softwares sejam adotados para compor a plataforma.

Após explanar e discutir os conceitos teóricos para entendimento desta pesquisa, entende-se que as ferramentas colaborativas como as *wikis* propiciam um ambiente colaborativo necessário para a criação e compartilhamento de conteúdo de forma interativa e participativa na internet e que, portanto, a memória coletiva pode ser absorvida por tal tecnologia.

Na seção a seguir serão apresentados os métodos, técnicas e os procedimentos adotados, assim como o processo de coleta de dados e a forma de apresentação dos resultados desta pesquisa.

3 A PESQUISA-AÇÃO COMO CAMINHO METODOLÓGICO

“Do conhecimento científico ao popular, o saber é sempre manifestação da inteligência”.

Christoph Wulf

Na realização de uma pesquisa científica, é essencial a utilização de métodos, técnicas e procedimentos científicos de forma racional e sistemática, pois permitem alcançar os objetivos e responder os problemas que foram propostos inicialmente.

Dentre as possibilidades metodológicas a adotar-se para este estudo, utilizou-se a pesquisa-ação. Com este método, buscou-se compreender e interagir na realidade social desse grupo, visando criar a Rede de memórias: o protótipo de um produto de informação, comunicação e memória. As características desta metodologia adéquam-se a esta pesquisa de base teórico-empírica. Thiollent (2005, p. 16) esclarece:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com uma resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos como comparativo ou participativo. (THIOLLENT, 2005, p. 16).

A natureza colaborativa do produto final também se aplica à pesquisa, pois tal método “[...] exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja do tipo participativo” (THIOLLENT, 2005, p. 18).

Lima (2007) afirma que esta abordagem metodológica, quando aplicada à pesquisa em Ciência da Informação, apresenta soluções práticas e inovadoras diante do problema e resultados relevantes para a ciência, pois a pesquisa já foi aplicada e testada no mundo real. Citando MacKay e Marshall (2011 apud LIMA, 2007, p. 64-65) o autor alega que a pesquisa-ação está “[...] comprometida com a produção de novo conhecimento através da procura de solução ou melhoramento de problemas práticos da vida real”.

A Ciência da Informação é uma área de pesquisa caracterizada pela influência de várias disciplinas e pela predominância da pesquisa aplicada. Neste contexto, a abordagem Pesquisa-Ação [...] consegue equilibrar os objetivos da ação (problemática a ser resolvida) e da pesquisa (geração de conhecimento científico). (LIMA, 2007, p. 78-79).

Wilson (1980 apud LIMA, 2007, p. 66), um dos primeiros autores a defender a aplicação dessa abordagem na CI, aponta características próprias da área em relação à pesquisa-ação como o fato da Ciência da Informação ser uma área multidisciplinar, por exemplo, e pelo fato de na área não ter

[...] uma ‘teoria unificada’, isto é, os objetos de pesquisa são tão diversos [...] que são necessárias teorias de várias disciplinas para guiar uma pesquisa efetiva em cada ramo distinto da Ciência da Informação (WILSON, 1980 apud LIMA, 2007, p. 66).

Em vista disso, esta pesquisa baseou-se também em outros métodos. Tal combinação foi encontrada em outras pesquisas científicas, principalmente nas áreas da

Educação e História, sendo a última uma área afim com o tema pesquisado.

Uma das características da pesquisa-ação é o fato do método apresentar ciclos contínuos, porém, Lima (2007) afirma que ainda não há consenso entre os autores sobre as etapas desses ciclos. Portanto, para este trabalho foram adotados os conceitos de Denscombe (2005) que ressalta que algumas pesquisas abordam acontecimentos únicos que não se repetirão futuramente. Para o autor, o ciclo é composto de cinco etapas:

[...] a partir da **Prática Profissional** é feita uma **Reflexão Crítica** identificando o problema ou avaliando mudanças. Na etapa da **Pesquisa** é realizada de forma sistemática com o rigor necessário e cujos achados são incorporados em um plano de ação na etapa de **Planejamento Estratégico**. A etapa final do ciclo é a **Ação** onde as mudanças são implementadas (DENSCOMBE, 2005 apud LIMA, 2007, p. 71-72, grifo nosso).

Em relação ao ciclo proposto por Descombe (2005), a prática profissional e a reflexão crítica já foram contempladas, haja vista que, na condição de bibliotecária no Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina, a pesquisadora percebeu o problema central e propôs elaborar o projeto com objetivo de apresentar um meio para a criação de um "lugar de memória" digital para o grupo desta corporação.

Michel (2009) afirma que, na fase inicial de qualquer pesquisa, o levantamento bibliográfico é fundamental, pois tem o propósito de identificar informações e subsidiar a definição dos objetivos, a determinação do problema e a definição dos tópicos do referencial teórico. Nesta direção, foi desenvolvido um

estudo com base em fontes bibliográficas constituída, na sua maior parte, por livros e artigos científicos de diferentes áreas e temas, como Biblioteconomia, Ciência da Informação, Comunicação Social, Cultura Participativa, Web 2.0, Memória Coletiva, “Lugar de memória” e História.

Embora a pesquisa esteja voltada para a memória coletiva do efetivo do CBMSC, o tema a ser desenvolvido baseia-se na construção da memória da própria instituição e, portanto, é necessário conhecê-la.

O CBMSC tem mais de 14 batalhões e diretorias por todo o Estado, o que inviabilizaria a investigação no período proposto. Portanto, a delimitação para o estudo foi o Centro de Ensino Bombeiro Militar (CEBM), órgão responsável pela formação e aperfeiçoamento dos bombeiros militares do Estado e os indivíduos relacionados às áreas de pesquisa. Foi fundamental conhecer o organograma do CEBM e o quadro hierárquico da corporação do CBMSC como parte da memória e da história da instituição. O foco inicial foi entender sua estrutura organizacional e administrativa, além de elaborar um levantamento sobre a memória do bombeiro por meio de pesquisa documental da instituição.

Uma das motivações para a pesquisa foi a carência de registros históricos publicados sobre a corporação. Desta maneira, a pesquisa bibliográfica a respeito da memória e da história é bastante limitada. Como há poucos registros em documentos acerca da memória e história do CEBM, considerou-se que as pessoas que vivenciaram experiências na unidade são peças essenciais para o desdobramento deste trabalho. Portanto, para complementar a coleta de dados, foi utilizada também a história oral. Segundo Alberti (2013, p. 37), a utilização da história oral como um método de pesquisa “[...] não é um fim em si mesma, e sim um meio

de conhecimento [...]” no qual seu emprego só se justifica em um contexto de uma investigação científica.

Por sua vez, a história oral estabelece exatamente esta relação: ela destaca a riqueza e importância da memória dos sujeitos anônimos, pessoas comuns, sujeitos desconsiderados da história pelos historiadores convencionais (THOMPSON, 1992). Conforme Freitas (1992, p. 18) complementa:

A história oral possibilita novas versões da história ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores. Esse tipo de projeto propicia sobretudo fazer da história uma atividade mais democrática, a cargo das próprias comunidades, já que permite construir a história a partir das próprias palavras daqueles que vivenciaram e participaram de um determinado período, mediante as suas referências e também do seu imaginário. O método da história oral possibilita o registro das reminiscências das memórias individuais; enfim, a reinterpretação do passado, pois segundo Walter Benjamin, qualquer um de nós é uma personagem histórica. (FREITAS, 1992, p. 18).

A visão de Michel (2009) sobre história oral é mais objetiva: diz que o método utiliza pessoas como fonte de informação, em relatos escritos ou falados, cuja experiência de vida esteja diretamente relacionada com o objeto de estudo. Diz ainda que a história oral

procura obter impressões, depoimentos orais de pessoas que testemunharam acontecimentos importantes para a compreensão de fatos sociais e determinantes para a análise do tema estudado” (MICHEL, 2009, p. 55).

Já Martins e Theóphilo (2009) acreditam que fonte de pesquisa é o relato transcrito, ou seja, o documento já produzido a partir do método.

Porém, todos os autores pesquisados concordam quanto à credibilidade e subjetividade da história oral (aliás, em todas fontes históricas, sejam orais, escritas ou visuais), pois ela pode ser questionada quanto à validade em virtude das possíveis deficiências de memória ou tendenciosidade do informante. Para minimizar essas possíveis limitações, Martins e Theóphilo (2009) sugerem contrastar os registros com outras técnicas de levantamento. Marconi e Lakatos (2013) destacam a importância do método exatamente pela integração com outras fontes e a confrontação entre fontes escritas e orais.

Nos projetos de história oral, Worcman e Pereira (2006) reconhecem três etapas essenciais no processo: coleta; processamento; e integração, difusão e uso. Os métodos descritos contemplam os dois primeiros objetivos específicos da pesquisa e visam coletar dados para a inserção de informações na ferramenta colaborativa a ser implementada.

A coleta consiste na delimitação do tema, levantamento das informações, escolha dos entrevistados, na preparação de roteiros de perguntas, no registro de entrevistas e na identificação de objetos, fotos ou documentos, caso existam (WORCMAN; PEREIRA, 2006).

Os roteiros são como ensaios para o entrevistador, servem como um guia para conduzir a entrevista e permitir que o entrevistado se sinta à vontade para visitar suas memórias (WORCMAN; PEREIRA, 2006). O roteiro foi dividido em três partes e as questões são específicas para cada grupo de entrevistados, devido às particularidades de cada função no CEBM. Na primeira parte, realizou-se

uma identificação do entrevistado, como uma breve descrição enquanto profissional. A segunda parte é dedicada às pessoas que tiveram suas experiências no Centro de Ensino somente como alunos, remetendo aos cursos, turmas, colegas, professores e acontecimentos. A terceira parte foi direcionada às pessoas que fazem parte do efetivo orgânico. Somente em uma das entrevistas o entrevistado encontrou-se nas duas situações e seu discurso ficou mesclado entre memórias enquanto aluno e como efetivo. Os roteiros estão disponíveis no Apêndice A.

Para validar o roteiro, foi realizado um pré-teste com um bombeiro militar que também teve sua vivência no CEBM. A partir dessa entrevista, delineou-se a ordem dos entrevistados seguintes e foi reformulado o modo de abordar alguns assuntos.

Como instrumentos de coleta de dados, utilizando a história oral, foram realizadas entrevistas com integrantes preestabelecidos da corporação dentro das categorias propostas para a plataforma. Marconi e Lakatos (2013) sugerem que, primeiramente, devem ser escolhidos os entrevistados mais idosos (por terem vivenciado mais fatos do passado) e profissionais especialistas em determinado assunto.

Alberti (2013) ressalta que é preciso escolher os entrevistados a partir da sua posição no grupo e do significado de sua experiência. Portanto, de acordo com a autora

[...] convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema que possam fornecer depoimentos significativos. (ALBERTI, 2013, p. 40).

É necessário um conhecimento prévio sobre os entrevistados, podendo-se recorrer a fontes secundárias e a documentação primária. Caso tais fontes não sejam suficientes, Alberti (2013, p. 41) recomenda que sejam feitas “[...] entrevistas curtas, de cunho exploratório, que forneçam informações úteis para o processo de escolha”.

Devido à proximidade da pesquisadora com o ambiente de pesquisa, utilizou-se esta última recomendação que, por meio de observações e conversas com membros do efetivo orgânico atual do CEBM, permitiu elucidar pontos da história da instituição e identificar os entrevistados.

Os entrevistados foram bombeiros militares selecionados devido às afinidades de suas atuações ao longo da história e também aos vínculos recentes com o CEBM. O objetivo foi apreender um registro e um entendimento desde a criação do CEBM, na emancipação do CBMSC em 2003, até o momento presente.

Embora na Rede de memórias seja fundamental saber os nomes das pessoas que colaboram com suas memórias, pois eles são, neste caso, as fontes de informação, para a presente dissertação foram nomeados de acordo com suas patentes, por questões éticas, para manter suas identidades em sigilo na pesquisa.

Aqui não foi dada prioridade para a história contada de forma linear, mas sim para as memórias que puderam reconstruir essa história. Worcman e Pereira (2006) alegam que esse tipo de entrevista busca a vivência pessoal do entrevistado e não a verdade histórica absoluta.

Como mencionado, Alberti (2013) afirma que ter uma biografia prévia dos entrevistados é importante para elaborar um roteiro individual e obter melhores resultados no momento da entrevista. Conhecer as suas biografias permite compreender melhor o relato de suas

experiências, seus discursos e suas referências mais particulares. A seguir, serão apresentados os entrevistados contextualizando suas patentes, cargos e/ou posição no CEBM.

a) Coronel Bombeiro Militar da Reserva Remunerada

Exercia o cargo de Comandante Geral na criação do CEBM. Por participar da emancipação do CBMSC, conhece os bastidores do processo de mudança e, principalmente, a criação do Centro de Ensino.

b) Tenente Coronel Bombeiro Militar

Comandante do Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças em 2004 e, posteriormente, comandante do CEBM até 2012. Um dos primeiros membros da unidade, passou por vários cargos até chegar ao comando. Tem uma visão sistêmica da formação dos cursos, estrutura física e de pessoal do CEBM.

c) Subtenente Bombeiro Militar da Reserva Remunerada

Monitor da primeira turma do curso de Formação de Soldados em 2004. Já como Subtenente, atua até os dias atuais na Ajudância do Comando do CEBM. Apontado nas entrevistas prévias como sendo fundamental para a construção da memória da unidade, pela sua história na instituição e, principalmente, pelo reconhecimento dos colegas de farda.

d) Capitão Bombeiro Militar

Iniciou no CEBM como aluno do Curso de Formação de Soldados, passando depois no concurso para o Curso de Formação de Oficiais, na turma de 2006.

Atualmente, é comandante do Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças no CEBM. Este foi o único entrevistado que se encontrou na posição de efetivo orgânico e aluno, pois passou pelas duas experiências.

e) Cadete Bombeiro Militar

Foi aluno na turma de 2008 do Curso de Formação de Soldados. Atualmente, é cadete (aluno) no Curso de Formação de Oficiais.

Para as entrevistas, procurou-se locais reservados nas dependências do Centro de Ensino, a pedido dos entrevistados. Duas delas realizaram-se em uma sala de aula desocupada e as outras três na Biblioteca. Observou-se que a escolha do local foi importante em alguns momentos para que os entrevistados pudessem ilustrar os fatos que estavam relatando, como se, ao visitar a área física do CEBM, estivessem visitando também suas memórias.

Na maior parte das entrevistas, os participantes pareciam receosos no início, com dúvidas se o que eles haviam para relatar era de fato importante. No entanto, a proximidade da pesquisadora com o objeto de pesquisa e com os próprios entrevistados fez com que esse possível desconforto fosse superado e, logo, a entrevista tornou-se uma conversa amistosa, como são aquelas que reportam ao passado.

Ao findar, constatou-se que a escolha dos entrevistados para dar início a Rede de memórias foi acertada, uma vez que essas pessoas se envolveram na construção do Centro de Ensino, sempre buscando a melhoria da instituição.

Sobre a coleta de dados, de acordo com a divisão de assuntos da ferramenta (que será apresentado na

seção a seguir), apresentam-se os seguintes tipos de pesquisa:

Quadro 1 – Relação das categorias com a metodologia e suporte

Categoria na Ferramenta Colaborativa	Tipo de pesquisa	Suporte
Institucional: dados históricos sobre a estrutura organizacional e física	Bibliográfica Documental História oral	Áudio Texto Imagem
Depoimentos: Fatos marcantes ocorridos na corporação	História oral	Áudio Texto Imagem
Atividades: Projetos e cursos desenvolvidos	Documental História oral	Áudio Texto Imagem
Pessoas: identificação de alunos, professores e efetivo	Documental História oral	Áudio Texto Imagem

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Por ser uma pesquisa com seres humanos, esta dissertação submeteu-se ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Santa Catarina, órgão credenciado junto a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Mais do que atender à Resolução nº 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde, que estabelece as diretrizes e normas reguladoras de pesquisa envolvendo seres humanos, neste processo, tomou-se conhecimento dos riscos e benefícios dos entrevistados.

Os riscos para entrevistados nas pesquisas na área de Ciências Humanas e Sociais tendem a ser mínimos, pois não utilizam procedimentos invasivos (PEREIRA; CARDOSO, 2013). Mesmo assim, os entrevistados, por estarem em um processo de visitação das suas memórias, podem sentir algum tipo de desconforto ao recordarem de acontecimentos que não lhe foram agradáveis. Podem,

ainda, temer expor pessoas do grupo que não foram entrevistadas. Para minimizar esses riscos, os entrevistados tiveram acesso ao roteiro de entrevistas e, posteriormente, às transcrições de suas falas. Com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, garantiu-se também o anonimato e sigilo na fase de divulgação da pesquisa.

Pereira e Cardoso (2013, p. 80) consideram que é preciso “[...] encontrar um equilíbrio para que não haja a exposição do entrevistado a situações desagradáveis e também para que não haja prejuízos ao trabalho que está sendo feito”. As autoras afirmam que o mesmo cuidado que se tem no momento das entrevistas, deve ser aplicado na transcrição e problematização, considerando sempre o ser humano do qual foram matrizes.

Como benefícios, acredita-se que ao participar de um projeto que visa a construção da memória da instituição da qual pertence, com a finalidade de tornar acessível à sociedade sua vivência enquanto profissional no CBMSC, confere-se aos entrevistados um senso de pertencimento deste grupo, refletindo sobre o papel da memória no contexto institucional.

A etapa de processamento, de acordo com Worcman e Pereira (2006, p. 212), inclui a “[...] transcrição e edição das entrevistas, digitalização de imagens, catalogação de material e inserção em banco de dados”, que, neste caso, foram feitas na própria ferramenta colaborativa. Ainda segundo os autores, a edição, nesse caso, consiste em transformar o texto transcrito em texto atrativo para ser lido.

Almeida (2012) diz que os critérios de escolha podem ser definidos no decorrer do cronograma de pesquisa e explica a relação das falas da entrevista com o resultado de pesquisa. Para a autora, o pesquisador pode:

Definir quais falas dizem respeito ao seu projeto de pesquisa e quais depoentes apresentam, na sua capacidade de verbalização, conteúdos que revelem a forma como percebe as relações sociais e como estas interagem com a dimensão do estudo então viabilizado. Como elemento externo ao objeto pesquisado, o pesquisador pode ter sua história pessoal vinculada à natureza dos espaços por onde circula, podendo interferir em discursos alheios, mas seu olhar de estudioso, a partir de objetivos especificamente definidos, estabelece a distinção entre o que integrará ou não seus resultados de pesquisa. (ALMEIDA, 2012, p. 8).

Como o objetivo foi criar conteúdo para a plataforma digital, os dados das entrevistas foram fundidos com dados documentais, como discursos, boletins, imagens fotográficas cedidas pelos entrevistados, por exemplo. Percebeu-se que, na edição, houve uma grande interferência da pesquisadora, a fim de inserir na plataforma informações para a criação da Rede de memórias.

A etapa de integração, difusão e uso é o produto final da pesquisa. Worcman e Pereira (2006, p. 214) afirmam que

as histórias produzidas devem, de alguma maneira, retornar aos narradores e aos grupos das quais foram coletadas assim como devem ser integradas à memória da sociedade.

De acordo com os objetivos propostos, apresenta-se no Quadro 2 o resumo do desenho do ciclo de pesquisa.

Quadro 2 - Desenho do projeto de História Oral

Constituição da narrativa	Qual a questão	O que é
Memória		Conjunto de registros que serão organizados
História		A narrativa que será produzida
Autor		Bombeiros Militares
Sentidos da memória	Por que?	Lacuna nos registros da memória
Objetivos		Implantar um lugar de memória digital com o uso de ferramenta colaborativa
Fontes	Com que?	Bombeiros militares, documentos como boletins internos e fotos.
Público	Para quem?	Efetivo do CBMSC e a instituição em si.

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Worcman e Pereira (2006).

Os dois últimos objetivos específicos tratam exatamente do planejamento e implantação da ferramenta colaborativa na internet, ou seja, os dois últimos ciclos da pesquisa-ação.

Nesta etapa, foi necessário identificar e planejar quais os padrões adotados na ferramenta para que, então, fosse estudado e escolhido o software a ser trabalhado. Questões como tipo de software, customização e possibilidades da ferramenta escolhida foram pesquisadas para aplicação da plataforma. O processo de escolha do software e suas especificações serão apresentados na seção 4.

Para melhor distribuição do conteúdo na plataforma, foram criadas categorias. Essas foram baseadas nos portais do Museu da Pessoa e da Memória Petrobras, assim como nas observações da pesquisadora a partir da sua prática profissional no CEBM. As categorias são:

a) dados históricos sobre a estrutura organizacional e física de todos os componentes da unidade, informações sobre a identidade do Bombeiro Militar, as cerimônias, a mística militar e ritos, chamado de **Institucional**;

b) projetos e cursos desenvolvidos pelos bombeiros (o que são, onde ocorreram e quais resultados), denominado como **Atividades**;

c) na área **Pessoas**, estão reunidas informações sobre os alunos, efetivo orgânico e os colaboradores da plataforma;

d) fatos marcantes ocorridos na corporação, relatos de ocorrências relevantes ou de acontecimentos vivenciados na unidade, na área **Depoimentos**.

Aqui buscou-se dar enfoque nas pessoas que farão parte da Rede de memórias, como pode ser observado nas categorias “Pessoas” e “Depoimentos”. Com seus relatos, as categorias de “Institucional” e “Atividades” poderão ser alimentadas.

Além disso, a partir dos relatos foi possível fazer um mapeamento das fontes de informação e documentação do CEBM, isto é, criou-se a possibilidade de localizar documentos pertinentes à memória e história em posse do efetivo, como atas, fotos, boletins etc.

Worcman e Pereira (2006, p. 211) afirmam que outros conteúdos ajudam a contar a história dos entrevistados, pois “[...] mais do que ilustrar o que foi dito esse material costuma enriquecer e completar o depoimento”. Os objetos foram fotografados/digitalizados para compor, junto as narrativas, a Rede de memórias.

Como referências, os entrevistados (ou colaboradores, na fase posterior a essa pesquisa) têm também um espaço para sua descrição de vida enquanto profissionais, como um breve currículo. Com isso,

objetiva-se fortalecer o sentido de pertencimento e autoria de cada integrante.

Entende-se que, para a utilização da ferramenta após pesquisa, será primordial a participação do grupo e, para isso, deverá ser feito um movimento de sensibilização no sentido afetivo e técnico para o uso da plataforma. Portanto, faz parte do processo e dessa pesquisa a criação de políticas e diretrizes para utilização da Rede de memórias.

Para atender os objetivos da investigação, a próxima seção apresenta a estrutura administrativa do CBMSC, com descrição do Centro de Ensino e da Biblioteca. Expõe trechos das entrevistas e analisa os resultados. Por fim, é descrito o desenvolvimento da Rede de memórias.

4 O TRANÇAR DA REDE DE MEMÓRIAS: PROTÓTIPO DO “LUGAR DE MEMÓRIA” DIGITAL

“Nunca se deve subestimar o poder do compartilhamento da experiência humana”.

Paul Thompson

Nesta seção, são apresentados o CBMSC, cenário desta investigação, e a análise dos resultados da coleta de dados a partir das entrevistas realizadas. Os depoimentos possibilitaram a construção da Rede de memórias, o protótipo do “lugar de memória” digital do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina, sendo possível evidenciar as características e identidade do grupo pesquisado, consolidando o estudo documental e bibliográfico inicial.

Posteriormente, descreve-se o processo de escolha, implementação e customização do software usado no desenvolvimento da Rede de memórias.

4.1 O CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE SANTA CATARINA

Em um primeiro momento, apresentar uma instituição pública, reconhecida e acolhida por toda comunidade, que tem sua função instituída no imaginário das pessoas, parece dispensável. Para além da imagem institucionalizada do bombeiro militar, existe uma série de acontecimentos que envolvem a construção da memória e a história da corporação.

O primeiro objetivo específico desta dissertação versa sobre conhecer a estrutura organizacional e administrativa do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina para que fosse delimitado o universo a ser pesquisado.

O CBMSC é uma instituição estatal prestadora de serviços públicos na área da segurança pública, incumbida de não só extinguir incêndios, mas como também de realizar ações de prevenção, salvamento de pessoas e bens, socorro médico de urgência e atividades de defesa civil, tornando-se evidente que sua competência legal é de grande amplitude e de atuação complexa. Estruturada como Força Auxiliar e Reserva do Exército Brasileiro, é organizada com base na disciplina e hierarquia e composta por militares estaduais (LIMA, 2010; CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE SANTA CATARINA, 2016).

Criado como Seção de Bombeiros da Força Pública, em 1926, constitui-se hoje como o CBMSC. Em 2003, o Corpo de Bombeiros foi emancipado da Polícia Militar, adquirindo autonomia administrativa e financeira, fazendo parte então da estrutura da Secretaria do Estado da Segurança Pública e Defesa do Cidadão de Santa Catarina. Desde então, a instituição busca:

Melhores condições para a aplicação de uma política específica de expansão pelo território catarinense, aliada a ações em prol da modernização de viaturas, equipamentos, materiais e investimentos na formação e ampliação continuada de seu efetivo” (CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE SANTA CATARINA, 2016).

Quanto à organização administrativa e composição das unidades, o CBMSC:

[...] adota modelo Militar de administração centralizado em seu Comando-Geral a quem subordinam-se em ordem hierárquica os Batalhões, Companhias, Pelotões e Grupos Bombeiro Militar. Batalhão é a unidade militar constituída por Companhias,

sendo estas formadas por Pelotões e estes últimos por Grupos Bombeiro Militar. [...] Atualmente a Corporação conta com 13 Batalhões Bombeiro Militar (áreas administrativas e de comando) distribuídos pelo Estado, além do Batalhão de Operações Aéreas, situado na capital. Os núcleos locais básicos levam o nome da cidade de instalação, formando os Corpos de Bombeiros Militares dos Municípios. Estes são compostos por efetivos provenientes dos Grupos, que integram Pelotões e Companhias que, por sua vez, pertencem a um Batalhão (CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE SANTA CATARINA, 2016).

A delimitação do estudo teve por pressuposto investigar uma unidade do CBMSC para desenvolvimento do trabalho: o Centro de Ensino da corporação, que tem como cerne de trabalho a formação, educação continuada e pesquisa, tornando-se propulsor de grandes mudanças de cultura no CBMSC. De acordo com a estrutura administrativa, o CEBM caracteriza-se como um Batalhão dentro da corporação.

O Centro de Ensino é o órgão responsável pela formação, aperfeiçoamento e especialização de Bombeiros Militares de Santa Catarina. Inaugurou suas atividades em dezembro de 2004 e visa formar profissionais capacitados tecnicamente para atuar em ocorrências eminentemente de bombeiros. Tem como foco a formação nas atividades operacionais típicas de salvamento e resgate, na análise de projetos de edificações e eventos, bem como as vistorias de rotina, que garantem a segurança do público em geral (CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE SANTA CATARINA, 2015b).

Por ser uma Escola de governo, a partir de 2014, foi autorizada a oferecer entre seus cursos uma especialização na modalidade de pós-graduação lato sensu, passando a ser considerada como uma Instituição de Ensino Superior.

Dentro dessa estrutura, foi criada, em 2010, a Biblioteca CBMSC, tendo como objetivos a criação de ferramentas para divulgação e acesso da produção intelectual, e o desenvolvimento de atividades de mediação nos processos de busca da informação. Para tanto, são ofertadas oficinas de capacitação para o uso de fontes de informação e normalização de trabalhos acadêmicos, além de todo suporte ao que diz respeito a pesquisa acadêmica.

Em 2011, a equipe formada por duas bibliotecárias desenvolveu o site e a biblioteca digital, buscando dar visibilidade aos trabalhos de conclusão de curso do CEBM. Hoje, por sugestão dos interagentes de todo estado, esse acervo digital foi ampliado, contendo também livros, materiais didáticos, informativos, hinos e canções, por exemplo. Ainda em 2011, passou a contar com o sistema Gnuteca, automatizando, assim, toda gestão da biblioteca.

Por meio de projetos junto a Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP), conseguiu expandir seu acervo físico, que até então era formado por doações de editoras, instituições públicas e do próprio efetivo. Pelo caráter de instituição superior que o CEBM agora possui, foi destinada uma verba periódica para atualização e crescimento desse acervo. A fim de integrar os interagentes cada vez mais com a unidade de informação, o “Selo amigo da biblioteca” foi criado como um programa do estilo *crowdfunding*, isto é, por meio de doações espontâneas, busca a expansão do acervo, inclusive com coleções de jogos para formar uma ludoteca.

Em 2016, a equipe de bibliotecárias desenvolveu a revista técnico científica Ignis, uma publicação semestral do CBMSC com temáticas que englobam as atividades Bombeiro Militar. No território nacional, poucas publicações apresentam essa característica, sendo a Ignis a única a ter padrões editoriais internacionais para periódicos científicos on-line, já que adota a plataforma SEER/OJS.

Embora considerada como uma biblioteca de pequeno porte, atualmente conta com uma infraestrutura que se acredita atender as necessidades dos interagentes, pois possui acervo atualizado nas diversas áreas do conhecimento, equipe e serviços especializados, equipamentos eletrônicos, como tablets e computadores, além de ser um ambiente propício ao estudo, convívio e lazer.

A Biblioteca é também um dos poucos espaços culturais na corporação. Moreira Júnior¹⁷, ao elaborar o relatório “Gestão dos acervos e história dentro do CBMSC: possibilidades e cenário atual”, confirma tal condição:

A gestão da cultura dentro do CBMSC tem como um dos pilares iniciais - e protótipo de organização e profissionalismo - a Biblioteca do CEBM. Espaço amplo, inventário, sistema de gestão e acompanhamento virtual, respostas rápidas e profissionais habilitadas para a função (CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE SANTA CATARINA, 2015a, p. 12).

¹⁷ Hélio T. Moreira Jr é Soldado Bombeiro Militar, Bacharel e Licenciado em História pela UDESC e possui ampla experiência com trabalhos em museus. Apesar de ser ele o autor do estudo e relatório “Gestão dos acervos e história dentro do CBMSC: possibilidades e cenário atual”, por regras de atribuição de autoridade, a citação apresenta-se como de autor entidade.

Neste relatório, Moreira Júnior apresenta uma série de possibilidades para a gestão cultural no que diz respeito à história da corporação. Ele relata que há iniciativas por parte da instituição, pelo menos desde 2006, de concretizar projetos que envolvam a construção da história do CBMSC.

O primeiro visa implantar um museu no quartel central de Florianópolis, que se localiza na Praça Getúlio Vargas. A segunda proposta, elaborada em 2007, prevê um centro de treinamento; um memorial histórico sobre o Salvamento Aquático e um espaço educativo para a população, localizados na Ilha do Guará Grande, em Florianópolis. Mesmo contando com a parceria de outros órgãos, como o Centro de Pesquisas sobre Desastres da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPED – UFSC) e com o aval do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF) e da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), tais projetos ainda não foram executados (CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE SANTA CATARINA, 2015a).

O terceiro projeto é intitulado “Memória do CBMSC”, que possui no seu acervo histórico viaturas, equipamentos, vestimentas e documentos. A edificação foi construída junto ao CEBM em 2014 e trata-se, enquanto classificação técnica, de uma coleção visitável.

O “Café com História” surgiu da iniciativa do Cel BM RR Álvaro Maus e do Sd BM Hélio Moreira, que visavam realizar pesquisas em arquivos e documentações institucionais e entrevistas de bombeiros da ativa e da reserva, que fossem essenciais para a compreensão de momentos e processos históricos do CBMSC. Com o aval do Comando Geral, posteriormente, a equipe agregou outros coronéis da reserva, interessados em colaborar

neste processo (CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE SANTA CATARINA, 2015a).

Embora uma dessas propostas tenha sido concretizada, no caso a coleção visitável¹⁸ “Memória CBMSC”, o autor observa que os esforços dispensados ainda não são suficientes e que o sucesso para tais iniciativas depende do modo como a corporação

[...] pretende encarar as questões e patrimônios históricos, dando conta de um plano de aplicação definido, levando em consideração mão-de-obra qualificada em mais de uma área técnica. (CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE SANTA CATARINA, 2015a, p. 12).

O relatório considera que Biblioteca CBMSC por ter

[...] a soma do profissionalismo, adequação à lei, verba anualmente prevista e comprometimento com a continuidade desse desenvolvimento, por parte dos gestores da corporação, defina o amálgama necessário para este sucesso. (CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE SANTA CATARINA, 2015a, p. 12).

A partir do exemplo da biblioteca, o autor faz uma análise sobre os acervos que o CBMSC possui: histórico, bibliográfico e documental (histórico e bibliográfico) e conclui que há também uma necessidade na corporação de um arquivo histórico:

Isso se dá porque não é responsabilidade técnica de uma biblioteca gerir documentos de caráter administrativo, ainda que possivelmente de valor histórico, nem

¹⁸ O autor apresenta o termo coleção visitável como uma classificação técnica, conceitual e legal.

mesmo gerir fotografias, ou outros acervos que não estejam previstos em sua Política de Desenvolvimento de Coleções, pela simples falta de previsão de um arquivo institucional, que seria o responsável direto e ideal para tal função. (CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE SANTA CATARINA, 2015a, p. 13).

Com isso, é proposto um “tripé cultural”, formado a partir de um arquivo, da biblioteca e um museu. A composição seria um Centro de Cultura e História ou um Centro de Memória, que poderia ter cada unidade em lugares físicos distintos, embora fossem setorizados.

Diante do exposto e tendo em vista que a Biblioteca está em constante desenvolvimento por meio de projetos científicos e culturais, considera-se que esta atua também na promoção da preservação da memória da instituição.

Portanto, para o produto final desta dissertação apresenta-se o protótipo de um “lugar de memória” digital nomeado Rede de memórias. Elaborado como um produto desta profissional bibliotecária da Biblioteca CBMSC.

4.2 O DESENROLAR DE UM EMARANHADO DE MEMÓRIAS

Na preparação do roteiro de entrevistas, buscou-se elaborar questões que abordassem assuntos pertinentes e que fariam parte do produto final desta dissertação, no caso, a Rede de memórias. O eixo temático das entrevistas situou-se no Centro de Ensino Bombeiro Militar, por isso, as questões formuladas tinham como escopo o momento em que surgiu a unidade, os personagens que estavam envolvidos no processo de criação, quais as motivações destes personagens e qual

a importância da unidade do CEBM para toda a corporação de Santa Catarina.

Desse modo, serão apresentados pequenos trechos dos depoimentos e imagens que compõem as categorias preestabelecidas na seção anterior. Optou-se em apresentá-las como transcrições, pois, dessa forma, a oralidade da narrativa é valorizada. Já para inclusão na Rede de memórias, as falas foram editadas de acordo com a metodologia da história oral. As categorias são: Institucional, Atividades, Pessoas e Depoimentos.

Na primeira categoria, chamada “Institucional”, procurou-se obter dados referentes ao histórico do CEBM, a sua configuração estrutural física e administrativa, assim como identificar as tradições que pudessem fazer parte da identidade do Bombeiro Militar nesta unidade.

Em relação à criação do Centro de Ensino, evidencia-se a aquisição do terreno, situado no bairro Trindade, no município de Florianópolis. A construção das primeiras edificações e a apropriação do espaço físico por parte do Bombeiro Militar ocorreram em 2004 e estão representadas nas diferentes ações e conquistas relatadas pelos entrevistados.

O mais marcante foi a vinda para cá, que acho que foi o marco inicial de vir e poder ficar, e dizer assim ‘agora sim, agora nós vamos formar bombeiro’ [...] agora a gente tem o nosso espaço, a gente vai fazer, inventar o que é nosso, a gente não vai precisar depender do que a Polícia faz, porque a gente sempre tinha esse discurso... [...] Vamos criar referência e aí a gente disse ‘ó, o que eles fazem e o que a gente pode fazer melhor?’ Não vamos nem olhar o que eles fazem [...] vamos fazer o que a gente quer fazer

*[...] vamos fazer só bombeiro e assim, acho que a vinda para cá, ter o seu espaço, foi o grande negócio.*¹⁹

Sobre os dados históricos, destaca-se o planejamento da formação do Centro de Ensino, que já ocorria antes mesmo da emancipação do CBMSC da Polícia Militar de Santa, em 2003. Os entrevistados consideram que este momento foi muito marcante para a instituição.

*Nós começamos a trabalhar com a possibilidade de fazer o centro de treinamento nosso aqui, já na época. Aí montamos uma equipe interna para definir os módulos [...] esses módulos que estão aí, eles são decorrentes na grande maioria daquele trabalho lá, daquela planificação que nós fizemos... sala de aula, alojamento, uma área de laboratório, área de treinamento e coisas desse tipo. E fizemos no papel, fizemos isso bem feito, foi feito uma maquete [...] que o cara fez, um arquiteto [...] aqui da [OMB da] Trindade. Ficou pronto aquilo, estava ali e dissemos 'precisamos ter isso aqui definido'. Porque gradualmente, como nós fizemos modular, nós podemos fazer módulo por módulo gradualmente.*²⁰

Neste depoimento, o entrevistado narra detalhes sobre a “conquista” do terreno, que hoje é ocupado oficialmente pelo Centro de Ensino e anteriormente pertencia a Polícia Militar, instituição a qual o CBMSC ainda estava vinculado. Esse terreno já era utilizado para o treinamento dos bombeiros, pois no local havia a construção da torre de treinamento para as instruções de Salvamento em Altura.

¹⁹ Tenente Coronel BM. Entrevista concedida em 11 de março de 2016.

²⁰ Coronel BM.RR Entrevista concedida em 11 de março de 2016.

O primeiro módulo foi edificado inicialmente com o projeto de uma piscina no local. No entanto, para servir como sala de aula nos primeiros anos, foi construída uma cobertura de assoalho. Somente após alguns anos novas salas foram construídas e, por fim, a piscina foi devidamente inaugurada. Segundo os depoimentos, essa foi uma das estratégias visionárias para o espaço, pois imaginava-se que no futuro o prédio já estaria preparado para ser o módulo de treinamento de Salvamento Aquático. As Figuras 3 e 4 mostram o desenvolvimento desse primeiro prédio. As peculiaridades do processo de planejamento e execução da construção dos módulos demonstra como isso garantiu que o terreno e as edificações ficassem sob posse do CBMSC após a separação.

Figuras 3 e 4 – Construção do primeiro prédio do CEBM, em 2004



Fonte: Arquivo pessoal do Tenente Coronel BM entrevistado, 2016.

Tais detalhes ainda não estão descritos em qualquer tipo de documento ou publicação, pois fazem parte dos “bastidores” do processo de criação do CEBM e somente quem vivenciou esse processo pode contá-los. A partir desses relatos, passa-se a conhecer quais foram as motivações dos personagens envolvidos e quais as

estratégias elaboradas para a conquista do Centro de Ensino.

No momento da emancipação, o CBMSC apresentava um número reduzido de efetivo. O Centro de Ensino vivenciava uma realidade semelhante, as mesmas pessoas que ali trabalhavam assumiam múltiplas e variadas funções, portanto, a estrutura administrativa, a princípio, não era definida.

*Quando a gente começou em 2004 a gente fazia de tudo, desde a parte de controle de nota a parte que a Divisão de Ensino faz em oito ou dez pessoas [hoje], a gente fazia em dois ou três. [...]. Nós fazíamos tudo, o que o Centro de Ensino faz hoje nós fazíamos em 2004. Com o passar do tempo foi aumentando o efetivo, foi aumentando o número de pessoas, foram divididas as tarefas, mas nós é que fazíamos quando começou tudo.*²¹

Quando o CEBM já estava em pleno funcionamento das suas atividades, sentiu-se a necessidade de organizar-se administrativamente para se firmar enquanto unidade. Para tanto, as seções foram formalizadas por meio de portarias do Comando Geral do CBMSC, instituindo, por exemplo, o Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (CFAP) e a Academia Bombeiro Militar (ABM). De acordo com o depoimento, este fato faz com que algumas pessoas considerem a criação do CEBM somente na data do documento oficial, desprezando todo o comprometimento do efetivo em construir a unidade até então.

Por isso que alguns discutem: ‘Ahh o Centro de Ensino foi criado em 2005 com a portaria que criava o CFAP, a Academia...’ [...] eu disse: ‘Não, o Centro de Ensino

²¹ Sub Tenente BM RR. Entrevista concedida em 4 de março de 2016.

nasceu antes disso porque ele veio para cá oficialmente na formatura [...] Mas aí foi feita uma portaria dizendo assim: fica formado o Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praça, a Academia de Bombeiro Militar, porque tinha que ter escrito [...] Aí começaram a tomar funções, porque precisava. Tinha gente e não tinha função. Como vou colocar o cara lá se não está descrito essa função? Daí foi colocado no papel. ²²

Aqui encontra-se um impasse: a valorização do documento oficial, que pode ser comprovado, em relação à fala decorrente da memória das pessoas envolvidas. No entanto, a história oral admite que é possível construir a história a partir das palavras daqueles que vivenciaram e participaram de um determinado momento, por meio das suas referências e, assim, considerá-la também como uma fonte de informação (FREITAS, 1992).

Para contemplar as questões a respeito da identidade do grupo, indagou-se sobre os atributos essenciais que caracterizam o bombeiro militar de Santa Catarina. A vontade de crescer e aprimorar-se foram elementos presentes em várias falas. Os discursos vão ao encontro da função do CEBM, que é a formação e aperfeiçoamento dos bombeiros catarinenses. O Centro de Ensino é a porta de entrada da corporação, por ele passaram ou irão passar todos do efetivo do CBMSC, do soldado, que trabalha na parte operacional, ao futuro Comandante Geral. Para os entrevistados, principalmente para os que trabalharam na unidade, o vínculo com o ensino e a busca de conhecimento é bastante marcante. Quando questionados sobre uma característica do grupo, destacam-se as seguintes falas:

²² Tenente Coronel BM. Entrevista concedida em 11 de março de 2016.

É a vanguarda, o grupo que busca sempre a inovação, o bombeiro de Santa Catarina é o bombeiro que está sempre buscando [...] novos conhecimentos, novas tecnologias, de estar sempre melhorando, nunca está bem. [...] a gente não fica estagnado, eu sinto que o pessoal sempre está [...] correndo atrás de uma novidade, então vejo que o pessoal é bem para frente, é de vanguarda.²³

[...] Acima de tudo são pessoas que tem uma vocação para ensinar, para ensinar a aprender mais, desenvolver conhecimento, difundir conhecimento, absorver conhecimento, são pessoas que estão lá para tudo isso, cada um dentro da sua área [...]. Quando você aumenta essa área de atuação com mais pessoas, você bota mais gente para discutir um assunto né, eu entendo que é a maneira mais eficiente para você fazer uma instituição ser forte, é o conhecimento.²⁴

Observou-se que o aprimoramento faz parte da identidade do grupo, assim como o espírito de corpo, a vontade de exercer as funções de bombeiro e, principalmente, o orgulho de pertencer a essa comunidade. Rios (2007) reflete que cultivar a memória é uma das formas de uma comunidade atualizar o passado, a identidade e os valores que essa deseja disseminar para as próximas gerações. Isso pode ser visto quando se analisa os discursos dos entrevistados de gerações distintas e observam-se características muito semelhantes. Bosi (2003) completa afirmando que quando há uma memória coletiva, a identidade desse

²³ Tenente Coronel BM. Entrevista concedida em 11 de março de 2016.

²⁴ Coronel BM RR. Entrevista concedida em 11 de março de 2016.

grupo é alimentada de imagens, sentimento, ideias e valores.

A característica que me chama atenção dentro da corporação é o espírito de corpo, porque hoje em qualquer função que seja administrativa ou operacional a gente não consegue fazer nada sozinho, a gente depende uns dos outros e se a equipe não estiver coesa, não tiver trabalhando em prol de um objetivo comum muitas vezes essa trajetória se torna muito difícil e desgastante, ela já é desgastante por si só, e se não tiver cooperação mútua assim a gente dificilmente consegue atingir nosso objetivo final.²⁵

A identificação com a profissão. O cara quando entra no bombeiro: 'Eu quero ser bombeiro porque eu amo essa profissão'. Então a dedicação a busca por conhecimento, a busca por, vamos dizer, especialização numa área, isso identifica o bombeiro. A garra, a determinação.²⁶

Além de aprender o ofício do bombeiro, ao ingressar no CEBM os novos alunos são apresentados aos ritos do militarismo e às suas tradições, relacionados à identidade da corporação. Silveira (2010, p. 58) afirma que

[...] é o movimento de apropriação desses repertórios simbólicos que possibilita ao sujeito e mesmo a uma coletividade inteira construir e consolidar seus vínculos identitários.

Tais vínculos fazem com que a instituição tenha um diferencial, mesmo dentro de tantos outros vínculos

²⁵ Capitão BM. Entrevista concedida em 11 de março de 2016.

²⁶ Sub Tenente BM RR. Entrevista concedida em 4 de março de 2016.

militares compartilhados com outras instituições. Entende-se que é necessário reconhecê-los para que possam ser valorizados.

Eu particularmente gosto, acho muito importante isso, a gente cultivar as nossas tradições e muito me orgulho a fazer parte disso [...] Tem gente que critica, ‘ah porque isso é arcaico’ [...], mas a gente não pode se esquecer que a gente está numa corporação que ela tem uma tradição e que ela já existia muito antes da gente entrar e ela vai continuar existindo muito depois que a gente sair. Eu penso que se eu optei por estar aqui é porque eu quero fazer parte disso[...] é uma coisa que eu gosto.²⁷

Uma das tradições mais simbólicas para os bombeiros é o batismo de água e fogo. Assim como mencionado anteriormente, este foi o *insight* para o presente tema de pesquisa, a necessidade de saber a origem e a importância do batismo do bombeiro. As Figuras 5 e 6 demonstram o batismo ao findar de uma formatura, realizada nas dependências do CEBM. Este registro revela o momento do inflamar da chama e do banho, geralmente conduzida por um dos monitores do curso em formação.

Figuras 5 e 6 – Batismo de água e fogo



Fonte: Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina, 2015c.

²⁷ Cadete BM. Entrevista concedida em 18 de março de 2016.

Quando questionados sobre uma tradição que identificasse a corporação, a maior parte dos entrevistados citou o banho como um ritual característico da profissão de bombeiro.

O batismo de água e fogo, ao final das formaturas, aquele textinho²⁸ ali e tal, acho que o maior de todos os símbolos ou cultos é o batismo do bombeiro, é o bombeiro tomar um banho. Quando ele é promovido, quando ele vai para reserva, no aniversário dele... O coronel toma banho, o coronel que vai embora, o comandante geral toma banho, o soldado formado toma banho e eu acho que é a tradição mais legal que o bombeiro tem e mais marcante [...]²⁹

O próprio batismo na chegada, é sagrado, quando ele se forma, aquela coisa do banho, da chama, tem um significado importante, né? O banho, ele é exatamente a depuração, a limpeza para você começar uma nova vida. E o fogo tem um significado, que cabe exatamente em queimar as coisas que precisam ser queimadas para ele começar. É um ritual mais mitológico do que a gente imagina, mas ele existe, ele é muito mais forte do que realmente é. E hoje é consagrado isso no bombeiro. O bombeiro tem isso como uma prática sempre quando alguém entra, quando alguém sai, quando alguém se

²⁸ O texto, de autoria do Cel BM RR Álvaro Maus, é proferido no final de cada formatura: “Soldados do fogo, neste teu batismo simbólico, o teu encontro com dois elementos da natureza que bem caracterizam a tua principal missão: o fogo e a água. Que a água, mais que um agente extintor, represente na tua vida, o elemento purificador que possa manter límpida e íntegra a tua consciência e a tua conduta. Que o fogo, mais que um agente destruidor, represente a chama eterna do nosso infindável ideal: ‘vidas alheias, riquezas a salvar”.

²⁹ Cadete BM. Entrevista concedida em 18 de março de 2016.

*forma, enfim, é sempre nesses momentos. Eu vejo isso em todos em bombeiros, eu já fui nos Estados Unidos, na Europa. Esse ritual do banho acontece em todos esses locais.*³⁰

Desta forma, entende-se que o batismo é um rito importante para os bombeiros dentro da corporação. Os entrevistados relatam com orgulho essa tradição, que independente do posto, graduação ou localização geográfica, representa sempre uma conquista compartilhada com os “colegas de farda”.

Para a categoria “Atividades”, buscou-se identificar nos cursos de formação e aperfeiçoamento como eram formadas as turmas de alunos e a relação com os professores, por exemplo. Um dos entrevistados fez questão de mencionar os instrutores e monitores marcantes durante os cursos no Centro de Ensino. Outro, conta como era composta a sua turma no curso de formação.

*De forma positiva, pessoas que eu lembro que foram marcantes, assim de pronto, tanto na experiência que eu tive como soldado e mais ainda agora como cadete [foi] a figura do Sargento Jacimir. Eu acho que ele é um exemplo de bombeiro. Quando pensar em característica [...] acho que a gente pode traduzir tudo numa pessoa. O Sub Tenente Gonçalves, eu também acho que é uma pessoa que tem um trato assim fantástico, o Sargento Cristiani, do jeito dele, também é uma pessoa que tem um carisma muito grande.*³¹

A nossa turma era composta de dez cadetes de Santa Catarina, seis cadetes do Tocantins e na metade do curso

³⁰ Coronel BM RR. Entrevista concedida em 18 de março de 2016.

³¹ Cadete BM. Entrevista concedida em 18 de março de 2016.

*a gente recebeu mais um cadete de Rondônia, totalizando dezessete cadetes. Era uma turma bastante eclética, então tinha gente que já era soldado da corporação desde 2002, no Tocantins as pessoas já eram soldados da corporação que trabalhavam desde 2004/2005 e já o cadete de Rondônia era cabo inclusive, um cabo antigo.*³²

Identificar as pessoas que fazem parte da história do CEBM também foi o objetivo proposto para a categoria “Pessoas”. Na construção das páginas da Rede de memórias prevê-se que os colaboradores configurem como referências quando estes contribuírem com alguma informação. Desta forma, os entrevistados identificaram-se e relataram um pouco da sua experiência dentro do CBMSC.

*Meu nome é [...], sou Sub Tenente do CBMSC, hoje na reserva, trabalhando pelo CTISP. E a área que eu mais me identifico hoje é a de Salvamento em Altura, a área que eu dou aula e que eu mais gosto. [...] Eu entrei em 1985, fiz o curso de soldado, atuei por dezesseis temporadas como guarda-vidas na Joaquina, depois eu fiquei um tempo no Centro de Operações do Bombeiros, que é o COBOM hoje. Fiquei um bom tempo aqui na Trindade como sargento e depois eu vim para o CEBM em 2004.*³³

Saí da Escola Técnica, não acabei o curso da Escola Técnica Federal, estava no segundo ano quando fiz o concurso, passei e com 17 anos ingressei na Academia Militar [em 1974]. Me formei com 21 [anos] e já de imediato assim, nos primeiros anos de academia eu já senti uma certa identidade com a atividade de bombeiro –

³² Capitão BM. Entrevista concedida em 11 de março de 2016.

³³ Sub Tenente BM RR. Entrevista concedida em 4 de março de 2016.

*'Pronto é isso que eu quero, não é polícia'. A polícia me atraía, mas não era uma atração assim tão forte como era a atividade do bombeiro.*³⁴

Os autores Worcman e Pereira (2006, p. 199) acreditam que “[...] toda história de vida tem valor e deve fazer parte da memória social” e, para isso, é essencial que se ouça o outro, pois cada pessoa é um agente de transformação na história.

Neste sentido, na categoria “Depoimentos” foram reunidos os relatos de fatos marcantes ocorridos na corporação, como a fala a seguir, em que os alunos participam de ações sociais promovidas pela turma ou pelo CEBM, no período de 2014 a 2016.

*A gente, por iniciativa de algumas pessoas ali da turma, meio que adotou a creche São José, se não me engano, que fica ali na Serrinha. Então todo natal a gente adota uma criança ali para doar um presente, na páscoa doa chocolate, a gente faz campanha para fornecer leite ali.... Aqui a gente recebeu o pessoal da Associação dos Cegos de Florianópolis, da grande Florianópolis, fizemos um projeto com eles, pegamos criança de lares e fizemos o 'Brincando de Bombeiro' aqui, o dia inteiro que foi uma experiência... demos lanche, [mostramos o] caminhão, botamos roupa, uma volta na ambulância, foi um dia diferente.*³⁵

No decorrer das entrevistas, outros questionamentos pertinentes e que somariam ao resultado final do processo da construção do “lugar de memória” se fizeram necessários como saber “o quanto andamos e para onde vamos”; saber se realmente esse

³⁴ Coronel BM RR. Entrevista concedida em 18 de março de 2016.

³⁵ Cadete BM. Entrevista concedida em 18 de março de 2016.

grupo pretende construir e compartilhar suas memórias ou quais as expectativas do grupo para esse produto final. Eles o usariam? Eles têm o que contar? Tais inquietações por parte da pesquisadora puderam ser elucidadas devido à escolha da história oral para as entrevistas.

Os questionamentos citados não estavam no roteiro, eles foram sendo respondidos no decorrer das falas dos entrevistados, em cada detalhe do relato de uma conquista, de um fato marcante e até mesmo no sorriso e no brilho dos olhos. Bosi (2003, p.65), ao referir-se à memória oral como um instrumento para construir a crônica do cotidiano, afirma que a história e documentos oficiais “[...] não podem dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios” e que a “[...] fala emotiva e fragmentada é portadora de significações que nos aproximam da verdade”. Isso foi observado no grupo de entrevistados, que tem orgulho da sua história, das suas trajetórias e da sua identidade como profissional. Estes bombeiros acolheram a proposta de uma Rede de memórias e fizeram sugestões que acarretaram mudanças no decorrer da dissertação, o que pode ser observado neste discurso:

[...] É que a gente faz parte da história do Centro de Ensino e ter visto assim nascer, a vinda [para o CEBM]... eu acho importante, a gente conversa sempre que as histórias do Centro de Ensino tem que ser contadas, quem tá chegando tem que saber o que aconteceu pra poder valorizar, porque é muito fácil você chegar aqui com o olhar ‘ó, aqui tá descascando...’ mas saber que aquilo ali não existia, alguém teve que botar ali o ‘quinhãozinho’, que isso aqui não tinha e saber de onde veio isso... [...] Porque a gente não preserva aquilo que não conhece, então tem que conhecer aquilo para poder preservar e tem que saber a história daquilo. Eu vejo que é importante,

*assim os trabalhos começam a falar sobre isso, mas é essa importância, a história. [...] Resgatar o que aconteceu até para que a gente possa realmente ter a visão lá na frente: ‘olha, a dificuldade que se teve...’ talvez hoje seja a mesma ainda, ou ‘olha a dificuldade que se tinha e agora está fácil’, mas tem que saber disso então acho legal isso. [...]. Por isso eu acho importante, ter esse resgate histórico porque senão as pessoas não vão saber como era. Se eu mostrar uma ‘fotinho’ do meio do mato para alguém, vai dizer ‘o que que era isso?’ ‘Isso aqui era o Centro de Ensino’ [...].*³⁶

Embora as questões do roteiro de entrevista estivessem direcionadas para as experiências vivenciadas e momentos importantes para cada entrevistado, a última pergunta foi do tipo aberta, para que eles pudessem registrar algo que não estivesse contemplado durante seu depoimento. Alguns deles falaram sobre as expectativas e preocupações com o Centro de Ensino. Também traçaram um panorama das mudanças no decorrer dos anos.

Eu tenho uma preocupação constante... é dessa escola, ela poder gradualmente se manter como escola, mas se mantendo muito mais pelo seu caráter formador do que basicamente sobre o local que pessoas vem para exercer uma atividade, ou ser comandante. [...] Então aqui no centro de ensino teria que ser uma pessoa ligada a área de ensino, sempre. Pelo menos com a visão de ensino, a percepção da necessidade do ensino, não um mero ocupador de espaço, uma vaga. [...] Pode ser excelente bombeiro, mas se não tiver na área de ensino acho que se perde muito, mesmo com a equipe boa. Então ter

³⁶ Tenente Coronel BM. Entrevista concedida em 11 de março de 2016.

alguém sempre com essa vocação para entender porque o ensino é importante. Não é nem importante, ele é fundamental! Isso vai muito depender do crescimento do centro de ensino como instituição, da melhoria cada vez maior, das novas etapas que precisam ser vencidas, dos novos desafios que precisam ser encarados, colocados metas.... Muito mais além... a percepção da formação, seleção e acompanhamento dos professores, [...] o comandante tem essa obrigação, de acompanhar e estar atento as formações, avaliar as formações final de ano, final de curso. ³⁷

O que me chama atenção foi que a postura foi sendo modificada ao longo do tempo, [...] ao comparar o tratamento dado a uma turma de 2006 e uma agora de 2016 [...]. Até porque hoje nós temos funcionárias civis voltadas para parte de Psicologia, de Pedagogia, Biblioteconomia, coisa que não se pensava ou não tinha estrutura suficiente para 2006. Então eu vejo que a situação evoluiu e eu fico bastante satisfeito, [...] O ponto de vista é que o tratamento, a forma como se lida com o aluno hoje em dia está num patamar mais evoluído até porque o mundo mudou em 10 anos e é natural que existam essas mudanças, [...] está sendo muito mais humano, muito mais humanizado[...] nós percebemos aqui que nós lidamos com alunos adultos, então as pessoas precisam saber o porquê que estão fazendo determinada coisa, ninguém se satisfaz mais hoje em dia como o "faça porque eu estou mandando". [...] eu vejo como interessante no decorrer desses anos é a prioridade ao ensino. [...] o aluno, ele merece um ensino de qualidade, a gente não está aqui para apenas deixar o tempo passar, cumprir um requisito para uma promoção ou para uma formação. [...] os professores têm que dar o

³⁷ Coronel BM RR. Entrevista concedida em 18 de março de 2016.

seu máximo para dar o melhor ensino possível. Então por isso a preocupação com o ensino de qualidade e cada vez a gente está tentando buscar esse ensino. ³⁸

Ao provocar a representação do passado, constatou-se que este grupo entrevistado projeta para o Centro de Ensino também o seu futuro. Bosi (2003, p. 66) afirma que, em um certo momento, a “[...] memória deixa de ter um caráter de restauração e passa a ser memória geradora do futuro”. O discurso nostálgico encontrado em alguns depoimentos, ainda de acordo com a ideia da autora, pode revelar o desejo de que o presente e o futuro devolvam alguma coisa que foi perdida. Percebe-se que, mesmo que o entrevistado não tenha mais as suas atribuições vinculadas ao Centro de Ensino, há uma vontade, uma procura constante por aprimoramento, como se ainda fosse possível fazer mais. Estas preocupações fazem parte do comprometimento e dedicação que estes profissionais depositaram e depositam no ensino do bombeiro militar, evidenciados nas demonstrações de orgulho de fazer parte da corporação, no senso de pertencimento e na busca para que seja cada vez melhor.

Pensando no futuro, a Rede de memórias pretende compartilhar o passado e o presente, para que as novas gerações que venham fazer parte dessa comunidade conheçam, entendam, se reconheçam e se identifiquem com a trajetória dos integrantes do CBMSC.

4.3 A CONSTRUÇÃO DA REDE DE MEMÓRIAS

Nesta seção, apresenta-se a descrição na forma do produto da dissertação, o protótipo de “lugar de memória” digital”, chamado de Rede de memórias.

³⁸ Capitão BM. Entrevista concedida em 11 de março de 2016.

De acordo com a metodologia científica da pesquisa-ação, o desenvolvimento da Rede de memórias dos bombeiros militares foi feito como um estudo empírico, já que é uma das características dessa fase de ação da pesquisa.

Analisar as possibilidades de softwares, verificar os requisitos do sistema, instalar, configurar e customizar a plataforma foram alguns passos para este estudo. Foram analisados também o planejamento que, entre outros processos, engloba tempo e treinamento. Levando em consideração esses aspectos, nesta etapa foi definido qual software poderia ser utilizado.

Como visto na seção 2.2.1, o sistema *wiki* oferece um ambiente colaborativo para a criação e compartilhamento de conteúdo. O software é amplamente usado em organizações para processos de Gestão do Conhecimento. Schons (2008, p. 86) afirma que ao perceber os benefícios, o uso do conceito *wiki* no meio organizacional tem sido cada vez mais difundido: “[...] grandes empresas, de fato, têm apostado na geração de resultados positivos na GC contando com o auxílio da tecnologia *wiki*”.

Com base na literatura e em sites específicos sobre o tema³⁹, foi feita uma comparação entre os softwares wikis disponíveis. Levou-se em consideração o fato de ser um programa de código aberto, como preconiza o CBMSC.

O software escolhido para o desenvolvimento da Rede de memórias foi o MediaWiki, sistema que vem sendo usado na criação colaborativa do conhecimento. Schons (2008) considera-o o mais sofisticado para atuar

³⁹Comparação de softwares wiki. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Compara%C3%A7%C3%A3o_de_softwares_wiki>.; WikiMatrix. Disponível em <<http://www.wikimatrix.org/>>

no suporte a Gestão do conhecimento, além de ser amplamente testado e, portanto, já conhecido e estável.

A DiTI, diretoria do CBMSC, já faz uso do Mediawiki para compartilhamento das informações relacionadas à tecnologia na instituição. A plataforma é restrita ao efetivo da DiTI, pois as informações são voltadas somente para o desempenho das funções do setor. Esse fator corrobora com a escolha do Mediawiki, pois já há uma aproximação de algumas pessoas com o uso e funcionamento da ferramenta.

Percebeu-se também que, pelo fato do mecanismo ser empregado em grandes projetos e ser consolidado, há uma grande comunidade para elucidações de suporte e uma vasta documentação em português, características significativas para um software livre. O programa é gratuito para servidores de internet e disponível sob a licença GNU GPL (Licença Pública Geral) ⁴⁰.

O Mediawiki é uma poderosa ferramenta que se baseia no conceito de software livre [...]. Possui uma interface amigável de uso, transpondo-se de forma flexível aos usuários, não exigindo nenhum conhecimento profundo em informática para ser utilizada (SCHONS, 2008, p. 86).

O software citado é distribuído pela Wikimedia Foundation, uma

[...] organização beneficente, sem fins lucrativos, dedicada a incentivar a produção, desenvolvimento e distribuição de conteúdo livre e multilíngue, e a disponibilizar ao público, integralmente, esses projetos baseados em *wiki* de forma totalmente gratuita. (WIKIMEDIA, 2015).

⁴⁰ Sistema operacional designado Software Livre.

A partir desse coletivo, são mantidos projetos como Wikipédia, Wikcionário e Wikiquote, por exemplo, “[...] que visam usar o poder colaborativo da Internet e do conceito de *wiki* para criar e compartilhar conhecimento livre de todos os tipos” (MEDIAWIKI, 2015).

O software em questão permite ainda, além de elementos textuais, a inserção de imagens e arquivos multimídia, que são armazenados no sistema de arquivos.

Sobre as características técnicas, pode-se dizer que o MediaWiki:

[...] é um programa extremamente poderoso, escalável e com uma rica implementação *wiki*, que usa PHP para processar e apresentar dados disponíveis na sua base de dados MySQL. As páginas no MediaWiki usam formatação WikiTexto, para que usuários sem conhecimento de XHTML ou CSS possam editá-las facilmente. Quando um usuário submete uma edição de página, o MediaWiki insere a edição na base de dados, mas sem eliminar as versões anteriores da página, permitindo assim uma fácil reversão em caso de vandalismo ou spamming (MEDIAWIKI, 2015).

Para o desenvolvimento da Rede de memórias, o software foi instalado em um servidor GNU/Linux na sua última versão (1.26.2). Além disso, foi necessária a instalação de outras ferramentas:

O script é escrito em linguagem PHP e a armazenagem de dados é feita em arquivos de texto ou base de dados, como pré-requisito para seu funcionamento o software exige outras três ferramentas, o PHP 5, MySQL e o Apache, que podem ser

encontrados em pacotes prontos e auto-executáveis (RAMALHO; TSUNODA, 2007, p. 6).

Utilizou-se também extensões próprias do software que ofereceram algumas funcionalidades para melhor funcionamento. A fim de facilitar a montagem da Rede de memórias, realizou-se um desenho do conteúdo, organizando as informações contidas em cada categoria e nas páginas⁴¹.

Para abranger as áreas propostas na seção 3, foram criadas categorias com o objetivo de ordenar as páginas e assuntos. As categorias são: Institucional (com subcategorias Estrutura e Identidade BM), Atividades (com a subcategoria Cursos), Pessoas e Depoimentos.

Essas categorias surgiram a partir do caráter do CEBM como uma unidade de ensino. Com a desenvolvimento do projeto, nos Batalhões BM que contêm unidades operacionais, poderão ser criadas outras categorias. Fatos marcantes (relatos de ocorrências marcantes, tradições locais) e Projetos sociais (o que são, onde ocorreram, quais resultados) são algumas sugestões para futuras categorias. Além disso, na Rede de memórias central do CBMSC poderão ter registros das atividades técnicas do Bombeiro⁴² de Santa Catarina, especificando o histórico de equipamentos, pessoas envolvidas e práticas usadas ao longo do tempo. É frequente a busca dessas informações na biblioteca por parte dos interagentes, portanto, a Rede de memórias contribuiria também para coletar e compartilhar

⁴¹ Para cada tópico pode ser criada uma página, como se fosse um artigo por assunto. Elas são interligáveis e podem ser colocadas sob categorias.

⁴² Atividades de prevenção, busca e salvamento, como por exemplo: Salvamento aquático, Atendimento pré-hospitalar e Combate a incêndios.

importantes conhecimentos acerca das atividades técnicas.

Os entrevistados tornaram-se colaboradores e tiveram suas páginas criadas para serem citadas como fontes de informação. Feito isso, foram extraídos dos depoimentos o conteúdo para a formação dos artigos, mesclando com o resultado da pesquisa documental. Como referências, foram inseridas suas fontes, sendo elas documentais ou os próprios colaboradores, como pode ser observado na Figura 7.

Figura 7 – Exemplo de página da Rede de memórias



The image shows a screenshot of a Wikipedia article titled "Centro de Ensino Bombeiro Militar". The page is in Portuguese and includes a sidebar with navigation options, a main text area with a table of contents, and a photo of the building's facade.

Centro de Ensino Bombeiro Militar

O Centro de Ensino Bombeiro Militar (CEBM) é o órgão responsável pela formação de Bombeiros Militares do Estado. Possui o desafio de formar profissionais capacitados tecnicamente para atuar em ocorrências eminentemente de bombeiros como combate a incêndio, atendimento pré-hospitalar, resgate veicular, salvamento aquático, sub-aquático e em alturas, resgate em ambientes confinados e em estruturas colapsadas, atividades técnicas de segurança e proteção contra incêndio, busca terrestre, operações com produtos perigosos, além de uma base sólida de legislação aplicada a atividade de Bombeiro Militar. Além das atividades operacionais típicas de salvamento e resgate, o Centro de Ensino também forma seus profissionais com informações que possibilitam a análise de projetos de edificações e eventos, bem como as visitas de rotina, que garantem a segurança dos moradores e do público.^[1]

Índice [ocultar]
1 Histórico
2 Estrutura administrativa
3 Estrutura física
4 Cursos
5 Elétrico
5.1 Comandantes do Centro de Ensino Bombeiro Militar
6 Referências

Histórico [[editar](#) | [editar código-fonte](#)]

O Centro de Ensino do Corpo de Bombeiros Militar nasceu de uma necessidade premente da corporação, quando ainda pertencia aos quadros da Polícia Militar, de possuir um local para treinamento de seus integrantes, onde os mesmos pudessem ter os seus conhecimentos atualizados periodicamente. Foi chamado primeiramente de Centro de Treinamento do Corpo de Bombeiros (CTCB).

Está localizado no Bairro Trindade, em Florianópolis, numa área de 32.707,93m², fazendo frente com a Rua Lauro Linhares e fundos com a Av. Professor Henrique da Silva Fontes.

O Estado de Santa Catarina detém a posse do terreno onde está situado o CEBM desde 1939, todavia, somente a partir de 1983 foi que começou a ser escriturada parcialmente. Em 30 de junho de 1983, a área de 20.419,16m², foi devidamente registrada no Cartório de Registro de Imóvel – Gleci Palma Ribeiro, sob nº 10.499 fls. 1, livro

Fachada do prédio do Centro de Ensino Bombeiro Militar de 2011. Fotografia: © BM Madureira. Acervo: Ten Cel BM Ricardo Costa Duda.

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Nesta fase, identificaram-se dificuldades para configurar o sistema e foi necessário o auxílio de pessoas especializadas na área de Tecnologia da Informação (TI). O CBMSC possui um setor de TI que pode colaborar em tais questões, assim como na migração para o servidor

próprio e disponibilização de DNS⁴³. O MediaWiki possui uma extensão que permite a autenticação de domínio único com o uso de LDAP⁴⁴. Com isso, o *wiki* poderá acessar o banco de dados da instituição para utilizar os dados dos bombeiros registrados e todos já estariam aptos a realizar o *login* na plataforma.

Cada colaborador poderá criar a sua própria página, que posteriormente, deverá ser indicada como fonte de pesquisa. A Figura 8 apresenta o exemplo de uma página da categoria “pessoas” com o conteúdo da entrevista já editado. Para preservar a identidade do colaborador nessa fase da pesquisa, na figura não é identificado o seu nome.

Figura 8 – Página do colaborador

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR SANTA CATARINA

Marchely D'Assis | [Preferências](#) | [Páginas seguidas](#) | [Contribuições](#) | [Sair](#)

[Ler](#) | [Editar](#) | [Editar código-fonte](#) | [Ver histórico](#) | [Mais](#) |

Página principal
 Mudanças recentes
 Ferramentas
 Páginas afiladas
 Alterações relacionadas
 Enviar arquivo
 Páginas especiais
 Versão para impressão
 Ligação permanente
 Informações da página
 Citar esta página

Categorias
 Atualidades
 Cursos
 Depoimentos
 Estrutura
 Identidade BM
 Institucional
 Pessoas
 Página Central

Subtenente do CBMCS, hoje na reserva, trabalhando pelo CTISP. Atualmente é o Ajudante do Comandante do **Centro de Ensino Bombeiro Militar**. Área técnica de bombeiro que mais se identifica é a de Salvamento em Altura, sendo professor do módulo nos cursos do CEBM. É também graduado e especialista na área de Administração e Gestão de Pessoas.

Trajetória | [editar](#) | [editar código-fonte](#) |

Incluiu no Corpo de Bombeiros da Polícia Militar de Santa Catarina em 1965, fez o Curso de Formação Soldados em 1965. Na época, o concurso para Sargentos era aberto para o público e para bombeiros. O curso era de especialização de nível técnico e então mais ouzado (como o teste de natação de 5m, da ilha dos Guardas até a ponte Pedro Ivo). Por esse motivo, quem era bombeiro tinha mais experiência na área e se dava melhor porque o teste físico era muito exigido. Entrou para o Curso de Formação de Sargentos em março de 1987 e formou-se em junho de 1988. Foi promovido a Subtenente em 31 de janeiro de 2005.

"Eu entrei em 85, fiz o curso de soldado, atuei por 16 temporadas como salva-vidas guarda-vidas na Jaqueira, depois eu fiquei um tempo no Centro de Operações Bombeiros, que é o Cidobm hoje, fiquei um bom tempo aqui na Trindade como sargento e depois eu vim para o CEBM em 2004".^[1]

Foi convidado pelo então Comandante Geral Cel BM Adilson Azeites da Oliveira a trabalhar no Centro de Ensino em 2004, por já ter experiência como monitor no Grupo de Busca e Salvamentos de 4 ou 5 turnos. Embora no início não tivesse uma função fixa, fora a parte de pessoal, de escalas e de CTIS, além da monitoria dos alunos do **Curso de Formação de Soldados**. Quando foi promovido a Subtenente, por decisão da época do Comandante Ten Cel BM Alexandre Cordeira Dutra, passou a trabalhar somente com a parte de assistência, de pessoa e escalas de expediente. Quando questionado sobre o serviço no Centro de Ensino, ele respondeu:

"Eu gosto, sempre gostei de trabalhar com aluno eu acho que é mais fácil trabalhar com aluno do que com bombeiro formado já. O aluno é muito dependente da gente e não são tão exigentes quanto. A gente tem que se preparar porque para aluno não é fácil, o cara tem que conhecer, tem que saber lidar com aluno, as exigências do dia a dia de aluno e de aluno é bem mais tranquilo do que soldado pronto. E a me adaptava muito bem, eu gosto de trabalhar como monitor, é uma maravilha, é bom. Sem falar que a gente passa a conhecer todo efetivo porque se a porta de entrada é aqui, se os cadetes entram aqui, se os alunos soldados, se os cabos entram aqui, você conhece o estado inteiro, todos os alunos do estado inteiro você conhece".^[1]

Referências | [editar](#) | [editar código-fonte](#) |

1 ↑ 1,0 1,1 Informações obtidas por entrevista em 4 de março de 2016

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

⁴³ Domain Name System (ou Sistema de Nomes e Domínios, em português) responsável por decodificar os nomes dos domínios dos sites que as pessoas digitam nos navegadores web em números IP.

⁴⁴ Lightweight Directory Access Protocol (Protocolo de aplicação aberto) usado para acessar e manter serviços de informação de diretório distribuído sobre uma rede de IP.

Quanto à customização da plataforma, buscou-se uma abordagem que fosse amigável para os futuros colaboradores, que eles tivessem identificação com os temas abordados e com a própria plataforma. Para a interface da página principal, foi utilizado o Manual da marca do CBMSC, portanto, o logo do CBMSC, fontes e cores obedecem a padronização proposta pelo Centro de Comunicação Social da corporação. A Figura 9 apresenta a tela da página principal da Rede de memórias.

Figura 9 – Página principal da Rede de memórias



Fonte: Dados da pesquisa, 2016

É característica do próprio MediaWiki que as páginas possam ser gerenciadas pelo editor responsável. Embora os colaboradores sejam somente os bombeiros cadastrados, essa mediação é necessária para qualificar a informação compartilhada e verificar se está de acordo com as diretrizes propostas.

A implementação da Rede de memórias do CEBM estará sob a responsabilidade da equipe de pessoal da Biblioteca CBMSC, que irá gerenciar a plataforma, além

de oferecer a capacitação e suporte para o seu uso. Lankes ([2015]) observa que as bibliotecas têm o papel de ajudar a preparar a comunidade, neste caso, os bombeiros militares, a se engajar em um aprendizado ativo, pois qualquer tecnologia precisa de algumas instruções básicas para o modo de usar. Caso a Rede de memórias seja implementada, posteriormente, nos Batalhões BM, a função do editor poderá ser mediada pelo B5⁴⁵ da unidade com supervisão da biblioteca.

Ressalta-se que deverão ser realizadas avaliações da Rede de memórias quando esta já estiver em pleno funcionamento. Cavalcanti e Nepomuceno (2007) realizaram um “passo a passo” de implantação de um projeto de Inteligência Coletiva e, como forma de avaliação, sugerem que esta etapa seja dividida em três momentos: avaliação, medição de resultados e realização de ajustes.

Na primeira devem ser observados: a expectativa inicial *versus* os resultados obtidos; tipos de problemas ocorridos com a ferramenta e com as interações; e o comportamento dos integrantes do projeto. Na fase de medição, serão observados os fatores de quantidade de mensagens trocadas, de arquivos publicados e de informações disponibilizadas (inserções na plataforma). A terceira etapa deve ser realizada a fim de obter uma avaliação qualitativa, conduzindo uma pesquisa prospectiva por meio de questionário com os colaboradores. Estes também farão testes de inclusão para verificar se há falta de informação nas diretrizes ou no *wiki*. As avaliações precisam ser frequentes e com colaboradores distintos, entendendo que cada pessoa tem uma capacidade de assimilação diferente.

⁴⁵ Nas unidades Bombeiro Militar os setores são divididos por função, sendo o B5 a seção de Comunicação Social.

O último objetivo específico proposto versa sobre a criação de diretrizes para a utilização da Rede de memórias. Algumas delas foram absorvidas das características do MediaWiki e com base nas recomendações de uso da Wikipédia, enciclopédia que também usa este software. Outras são decorrentes do Regulamento disciplinar próprio da instituição e da forma como se espera que este *wiki* seja elaborado pelos colaboradores. O documento sobre as diretrizes da plataforma encontra-se no Apêndice B. Como uma ferramenta colaborativa, a Rede de memórias só terá sucesso com o envolvimento do efetivo. Porém, assim como a avaliação, a divulgação e sensibilização desses colaboradores só poderá ser realizada no momento posterior da pesquisa. Para o efetivo do CEBM, a Rede de memórias será apresentada por meio de palestra, explicando o objetivo e o funcionamento do *wiki*. A princípio, almeja-se transmitir para os colaboradores a importância de compartilhar suas memórias na plataforma e o seu papel enquanto personagens da história da corporação. Com o protótipo em funcionamento no CEBM, outras unidades terão conhecimento por meio de comunicados internos e da publicação de notícias no portal do CBMSC. Dessa forma, poderão manifestar interesse para a Biblioteca e construir as suas próprias Redes de memória.

Mais do que criar um produto para a Biblioteca CBMSC, com a Rede de memórias pretende-se envolver a comunidade dos bombeiros na construção da sua memória e história e, assim, fazer com que a biblioteca receba novos sentidos. Lankes ([2015]) afirma que é papel da biblioteca e do bibliotecário facilitar a criação de novos conhecimentos por parte dos próprios interagentes, independente dos formatos ou artefatos informacionais. As palavras de Souza (1993, p. 41) complementam a ideia

de a biblioteca expandir-se para atender as necessidades dos seus interagentes:

Como agente de transformação sócio-cultural-política, a biblioteca necessita sair de suas próprias paredes, vender propostas, integrar grupos estruturados na comunidade, ser ousada no conteúdo e na forma de sua programação de apoio cultural-científico e técnico. Em poucas palavras, tem que se tornar visível à sua comunidade.

Acredita-se que buscar outros meios para a gestão e disseminação do conhecimento contribuirá para fortalecer a comunidade na qual a biblioteca está inserida, além de enriquecer os registros da memória desse grupo.

Ranganathan, ao referenciar a biblioteca como um organismo em crescimento⁴⁶, já previa que, no futuro, a biblioteca poderia expandir-se por diferentes meios: “Quem sabe se não virá um dia em que a disseminação do conhecimento, que é a função essencial da biblioteca, se fará por meios diferentes do livro impresso?” (RANGANATHAN, 2009, p. 262).

Neste texto, como modo de homenagear os ensinamentos de Ranganathan no tocante ao crescimento das bibliotecas, parte-se do pressuposto de que a Rede de memórias tenha um crescimento constante e ininterrupto, garantido pelo modo colaborativo da plataforma e na certeza de que os interagentes sugiram melhorias e promovam mudanças quanto a aparência, conteúdo ou formas. Nesta condição, eles poderão apresentar contribuições, quer seja de técnica ou de

⁴⁶ Bibliotecário que instituiu, em 1931, as “Cinco leis da Biblioteconomia”, cuja validade e importância são ainda essenciais nos dias atuais. O conceito mencionado refere-se à quinta lei.

gestão das memórias do bombeiro do Estado de Santa Catarina. A colaboração deve ser contínua para que o conhecimento desse grupo seja compartilhado e absorvido por todos no CBMSC.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Nossas intenções para o futuro estão baseadas no passado, sem memória nós não conseguimos vislumbrar nada, pois como saberíamos o que ver?"

Elisabeth Tonkin

Aventurar-se na construção de um “lugar de memória” digital, que abrange diferentes campos do conhecimento como História, Sociologia, Tecnologia, entre muitos outros, transforma a pesquisa em algo desafiador e, ao mesmo tempo, enriquecedor. Pesquisar algo como a memória, que não se encontra em livros, documentos, em que os resultados se constroem por várias mãos, por diferentes vozes, diferentes sujeitos, sentimentos e subjetividades, faz compreender o poder que a comunicação verbal e não verbal (gestos e expressões) têm em nossas vidas. Entende-se que, para além da posição de expectador, deve-se ocupar o papel de protagonista, atuando como um cronista dos acontecimentos e compartilhando-os.

A presente dissertação teve como objetivo propor um protótipo de “lugar de memória” digital do efetivo do CBMSC, constituído a partir de ferramentas colaborativas na internet. Partindo do pressuposto que as unidades de informação são consideradas como “lugares de memória”, a Biblioteca CBMSC serviu como aporte para construção do protótipo, nomeado como Rede de memórias.

A metodologia da pesquisa-ação, que se caracteriza como teórico-empírica, permite fragmentar a investigação em ciclos. Para alcançar a proposição, a primeira ação foi conhecer a estrutura organizacional e administrativa do CBMSC. Assim, foi possível determinar a delimitação da pesquisa, que no caso, foi a unidade

voltada para o ensino na instituição, o Centro de Ensino Bombeiro Militar.

A unidade tem a missão de formar e aperfeiçoar todo o efetivo do CBMSC, na qual passaram ou passarão todos os homens e mulheres, representando e compartilhando a memória da corporação. É também no CEBM que o indivíduo oriundo do “mundo civil” tem o primeiro contato com o militarismo e suas tradições, peculiaridades que instituem e caracterizam a identidade desse grupo. Por essa razão, foi indispensável conhecer a estrutura, as pessoas e as histórias acerca do CEBM.

Com os documentos disponíveis sobre a memória da corporação, das pesquisas informais e da convivência da pesquisadora com o ambiente, foram determinados alguns bombeiros militares que vivenciaram momentos relevantes no CEBM. Por meio da história oral, obteve-se informações importantes sobre a construção da estrutura física e administrativa, dos personagens, dos eventos marcantes, das tradições e de elementos e símbolos que compõem a identidade desse grupo.

A partir dessas novas informações, foi possível obter o conteúdo para o desenho e a estruturação da Rede de memórias. As possibilidades para a implementação da plataforma colaborativa foram estudadas com base nestas informações e no fundamento teórico. De acordo com as diretrizes da instituição, foi escolhido um software livre que fosse de natureza colaborativa.

A frente de alguns exemplos de plataformas que trabalham com Gestão do Conhecimento e de projetos já consolidados, escolheu-se o software MediaWiki. Com a intenção de agrupar os assuntos, definiram-se categorias para absorver o conteúdo das entrevistas, da pesquisa bibliográfica e documental. Desta forma, MediaWiki foi customizado de acordo com as categorias e com a

identidade visual do CBMSC. Para que os textos inclusos no *wiki* fossem mais atrativos, as transcrições das entrevistas passaram por uma edição. Ao findar da estruturação da plataforma, apresentaram-se as estratégias de divulgação e sensibilização para os colaboradores, assim como as diretrizes para o uso e divulgação da Rede de memórias.

A Rede de memórias servirá para que o efetivo do CEBM possa armazenar e divulgar suas memórias e assim construir a história da instituição. Como já mencionado, há poucos suportes para tais atividades e este produto, por ser colaborativo e na internet, possibilitará que todos tenham a oportunidade de participar, independente da hierarquia militar ou região geográfica. Cada indivíduo passará a ser autor da história dessa comunidade e da própria instituição. A memória poderá ser construída a partir de diferentes visões, tornando este processo mais democrático e conferindo aos indivíduos o fortalecimento do senso de pertencimento dentro desse grupo, para que possam refletir sobre o papel da memória no contexto institucional.

Os Bombeiros Militares, ao terem conhecimento do funcionamento, estrutura e alcance de um software *wiki*, poderão, ainda, utilizá-lo em outros projetos voltados para a gestão do conhecimento, por exemplo. É notória a necessidade na instituição de tais projetos, visto que exista apenas uma iniciativa voltada para este fim, utilizada de forma interna no setor de tecnologia. Portanto, a Rede de memórias servirá também para ajudar a divulgar o uso do software *wiki* para todo efetivo do CBMSC.

Durante a construção da dissertação surgiram algumas limitações, não impossibilitando de fato a pesquisa, mas que precisam ser registradas a fim de

buscar-se soluções ou, até mesmo, possibilitar a continuação deste estudo.

Uma delas diz respeito ao software MediaWiki, que apesar de já ser amplamente usado e com uma grande comunidade para elucidação de problemas, apresenta-se como um sistema de difícil customização, diferente dos softwares de CMS, por exemplo. Estes apresentam na sua estrutura uma configuração que não requer conhecimentos aprofundados em códigos de programação. Desta forma, foi necessário buscar auxílio com uma programadora, que alterou a configuração do MediaWiki, tornando a página principal da Rede de memórias com um visual e estrutura diferenciados dos demais projetos que utilizam este software. Além disso, foram adicionadas extensões que facilitam a edição dos artigos.

Ainda sobre o software, pode-se dizer que ele atende ao que se propõe: ser um site em que o conteúdo possa ser construído colaborativamente. Mesmo suportando a inserção de imagens ou vídeos, a busca costuma não ser tão precisa e a recuperação da informação é prejudicada. Para tanto, seria pertinente a combinação com outro software que garantisse o armazenamento, gerenciamento, preservação e visibilidade desses arquivos digitais. O Dspace é uma opção válida, já que se enquadra também como software livre, conforme indica a instituição. O uso desse software contribuiria também para a gestão da documentação digital do CBMSC, inclusive para substituir o aplicativo que hoje é utilizado na biblioteca digital.

A adoção desse tipo de software é urgente, já que os documentos digitais e digitalizados estão se perdendo entre pastas, servidores e discos rígidos e, assim, parte da memória e da história do CBMSC também. A recuperação e disponibilização da informação ainda são

precárias, embora exista a intenção em realizá-las. A exemplo disso estão as notícias geradas pelo Centro de Comunicação Social e pelos Batalhões BM, que são disponibilizadas no portal principal do CBMSC e nas redes sociais da internet. Ao atualizar o portal institucional para uma versão mais recente, as notícias que estavam no site anterior não foram migradas e, portanto, não estão mais disponibilizadas. Tais notícias têm grande relevância para a memória da corporação, já que registram os eventos das unidades pelo Estado. Não ter mais acesso significa perder uma fonte de informação a respeito da história do CBMSC. Portanto, a utilização de um repositório auxiliaria também a organizar tais registros e contribuir para a preservação da memória.

Em relação aos estudos a respeito da memória na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação, esses são, na sua maioria, voltados para as questões teóricas. As pesquisas apontam para relações com temas como a gestão do conhecimento, a peculiaridade das unidades de informação como “lugares de memória” e o papel do bibliotecário nesse contexto. Há estudos ainda sobre temas mais atuais, como a virtualização da memória e dos “lugares de memória”, por exemplo. Embora existam propostas práticas e estudos nas áreas sobre a utilização de *wikis*, estas estão voltadas para instituições públicas ou privadas, priorizando projetos de gestão do conhecimento. Neste sentido, considera-se necessário relacionar a Biblioteconomia e a Ciência da Informação cada vez mais com História e a Comunicação Social, pois são nestas áreas que se encontram as aplicações significativas de projetos consolidados que visam preservar, organizar e disseminar a memória na internet. Como esta pesquisa apresentou um produto final – o protótipo e “lugar de memória” digital – acredita-se que

poderá incentivar novos estudos e aplicações a respeito da construção da memória de forma colaborativa.

Quanto às contribuições pessoais, não só este estudo como todo o Mestrado Profissional em Unidades de Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina gerou um grande impacto para mim como pesquisadora iniciante e bibliotecária com uma certa experiência profissional. Aprender novas abordagens, ver outras tantas sob uma perspectiva diferente traz motivação para que a atuação profissional tenha outros rumos. Pelo estudo ser na unidade em que atuo, essa motivação certamente aumenta, pois acredito que meu trabalho terá uma grande aplicação na instituição, contribuindo para a memória do CEBM.

Utilizar a memória como fonte de pesquisa se torna um desafio uma vez que ela está sempre em construção e suscetível a mudanças no decorrer do tempo. Portanto, quando se constrói um “lugar de memória”, é preciso ter a consciência que este é o começo de um trabalho que não tem fim, uma vez que a memória diz respeito sempre ao tempo presente.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Giseli. **Uso das ferramentas de redes sociais em bibliotecas universitárias**: um estudo exploratório na UNESP, UNICAMP e USP. 2012. 184 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-03122012-160409/pt-br.php>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Ed. FG, 2013.

ALMEIDA, Magdalena Maria de. História oral e formalidades metodológicas. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 11, Rio de Janeiro. **Anais Eletrônicos...** Rio de Janeiro: ABHO, 2012. p. 1-15.

Disponível em:

<http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1332442488_ARQUIVO_ABHOHistoriaoraleformalidadesmetodologicas.pdf>. Acesso em: 05 out. 2015.

ALMEIDA, Rodrigo Fonseca de. Castells: a era do informacionalismo. In: CASTELO BRANCO, Cláudia; MATSUZAKI, Luciano Yoshio (Orgs.). **Olhares da rede**: São Paulo: Momento Editorial, 2009.

ALVIM, Luísa. O wiki nos museus: uma nova porta de entrada para conservar, estudar e divulgar as colecções. In: SEMINÁRIO DE INVESTIGAÇÃO EM MUSEOLOGIA DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA E ESPANHOLA, 1, Porto, Portugal. **Actas...** Porto, Portugal: Universidade do Porto, 2009, p. 238-247.

AMPARO, Ademir Santos. A oralidade na segurança patrimonial da Petrobras. **Memória Petrobrás**, Artigos e publicações, 17 out. 2012. Disponível em: <http://memoria.petrobras.com.br/artigos-e-publicacoes/a-oralidade-na-segurana-patrimonial-da-petrobras#.VntIGvnF_WQ>. Acesso em: 12 fev. 2015.

ARAÚJO. Carlos Alberto Ávila. O que é Ciência da Informação? **Inf. Inf.**, Londrina, v. 19, n. 1, p. 01 – 30, jan./abr. 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/informacao/>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Os Agregados de informação - Memórias, esquecimento e estoques de informação. **DataGramZero** - Revista de Ciência da Informação, v. 1, n. 3, Jun. 2000. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/jun00/Art_01.htm>. Acesso em: 20 jan. 2015. Documento não paginado.

BLATTMANN, Úrsula; SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. Colaboração e interação na Web 2.0 e biblioteca 2.0 **Revista ACB**, Florianópolis, v. 12, n. 2, 2007. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/530/664>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003.

BRASIL. **Programa brasileiro. Portal Brasil**, Ciência e Tecnologia, 26 ago. 2010. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/ciencia-e-tecnologia/2010/08/programa-brasileiro>>. Acesso em: 08 maio 2016.

CASALEGNO, Frederico. **Memória cotidiana:** comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulina, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** 6. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASTRO, César Augusto. Biblioteca como um lugar de memória e eco de conhecimento: um olhar sobre “O nome da Rosa”. **Revista Rev. Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n esp., p. 01-20, 2006.

CAVALCANTI, Marcos; NEPOMUCENO, Carlos. **O conhecimento em rede:** como implantar projetos de inteligência coletiva. Rio de Janeiro Campus, 2007.

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE SANTA CATARINA. Instruções reguladoras Nr 30-11-BM. Dispõe sobre o uso de programas abertos no Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Santa Catarina. **Comando-Geral do Corpo de Bombeiros Militar.** Boletim Nr 21/2014 de 29 maio 2014. Florianópolis, 2014.

_____. Diretoria de Ensino. Acervo Histórico CBMSC. **Gestão dos Acervos e História dentro do CBMSC:** Possibilidades e Cenário Atual. Texto de: Sd BM Hélio T. Moreira Jr. Florianópolis, 2015a. Trabalho não publicado.

_____. Centro de Ensino Bombeiro Militar. **Biblioteca CEBM/SC**, Centro de Ensino, 2015. Disponível em: <<http://biblioteca.cbm.sc.gov.br/biblioteca/index.php/centro-de-ensino>>. Acesso em: 12 jun. 2015b.

_____. Centro de Comunicação Social. CBMSC forma 35 novos Cabos BM em Florianópolis. Foto de: Sd BM Tiago Moritz. **Portal CBMSC**, Notícias Institucionais, 17 jul. 2015c. Disponível em: <<https://portal.cbm.sc.gov.br/noticias/institucionais/151-cbmsc-forma-35-novos-cabos-bm-em-florianopolis?highlight=WyJmb3JtYXR1cmEiXQ==>>. Acesso em: 11 maio 2016.

_____. A instituição. **CBMSC**, Institucional. Disponível em: <<https://portal.cbm.sc.gov.br/index.php/institucional/o-cbmsc>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

CORRÊA, Elisa C. D. Usuário, não! Interagente. Proposta de um novo termo para um novo tempo. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 19, n. 41, p. 23-40, dez. 2014.. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2014v19n41p23>>. Acesso em: 16 jun. 2015.

CRIPPA, Giulia. Os “lugares da memória”: dispositivos ideológicos, esquemas tópicos e sistemas classificatórios. In: LARA, Marilda Lopes Ginez de; FUJINO; Asa; NORONHA, Daisy Pires (Orgs.). **Informação e Contemporaneidade**: perspectivas. Recife: NÉCTAR, 2007.

CRUZ, Aline Machado. **Fatores condicionantes da implantação da gestão do conhecimento como base ao desenvolvimento organizacional**: um estudo de caso no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – Campus Porto Seguro. 178 p. 2014. Dissertação (Mestrado em Administração) – Escola de Administração. Universidade Federal da

Bahia. 2014. Disponível em:
<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/18762/1/Aline%20Machado%20Cruz.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

DENSCOMBE, Martyn. **The Good Research Guide**: for small-scale social research projects. 2. ed. Buckingham: Open University Press, 2005.

DODEBEI, Vera. Patrimônio e memória digital. **Morpheus Rev. Eletr. em Ciências Humanas**, v. 4, n. 8, 2006. Disponível em:
<<http://www4.unirio.br/morpheusonline/numero08-2006/veradodebei.htm>>. Acesso em: 18 set. 2015.
Documento não paginado.

_____. Patrimônio digital virtual: herança, documento e informação. REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26. 2008, Porto Seguro, BA. **Anais...** Porto Seguro, BA, 2008.

_____. Memória e informação: interações no campo da pesquisa. In: MURGUIA, Eduardo Ismael (Org.). **Memória**: um lugar de diálogo para Arquivos, Bibliotecas e Museus. São Carlos: Compacta, 2010. p. 59-78.

DODEBEI, Vera; DOYLE, Andréa. Memória do corpo e ciberespaço em diálogo. **Liinc em Rev.**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 77-90, maio 2015.

DRUZIANI, Cássio Frederico Moreira; CATAPAN, Araci Hack. A percepção da memória organizacional no setor público de tecnologia da informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 97-121, jul./dez. 2012. Disponível em:

<www.spell.org.br/documentos/download/9270>. Acesso em: 20 maio 2015.

EGGERT-STEINDEL, Gisela. **Dos espaços de leitura à constituição da instituição de leitura pública** - conformação da biblioteca municipal de Jaraguá do Sul (SC): discursos e percursos (1937-1983). Florianópolis: Insular, 2009.

EFETIVO. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2008.

FREE SOFTWARE FOUNDATION. Disponível em: <<http://www.fsf.org/>>. Acesso em: 08 maio 2016.

FREITAS, Sônia Maria de. Prefácio. In: THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 14-19.

GNU OPERATING SYSTEM. **O que é o software livre?** O Sistema Operacional GNU. Disponível em: <<http://www.gnu.org/philosophy/free-sw.pt-br.html>>. Acesso em: 08 maio 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. **Os rastros digitais e a memória dos jovens nas redes sociais**. 2014. 161 p. Tese (Doutorado em Memória Social) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

HOWE, J. **O poder das multidões**: porque a força da coletividade está modelando o futuro dos negócios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

KESSEL, Zilda. Museu da Pessoa: memória e educação. In: WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (Coord.). **História falada**: memória, rede e mudança social. São Paulo: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

_____. **Memória e memória coletiva**: Século XXI. Museu da Pessoa, 2007. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/public/editor/mem%C3%B3ria_e_mem%C3%B3ria_coletiva.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2014.

LANKES, R. David. **Expect more**: demanding better libraries for today's complex world. Tradução de Jorge do Prado. [2015]. Disponível em: <http://davidlankes.org/?page_id=8274>. Acesso em: 03 abr.2016

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 2003.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LIMA, João Alberto de Oliveira. Pesquisa-ação em Ciência da Informação. In: MULLER, Suzana Pinheiro Machado. **Métodos para pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 63-82.

LIMA, Eduardo Haroldo de. **A educação a distância como alternativa para formação continuada no Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina**. 2010. 50 p. Monografia (Especialização Lato Sensu acadêmica em Gestão Educacional e Metodologia do Ensino Interdisciplinar) Curso de Pós-Graduação em Gestão Educacional e Metodologia do Ensino Interdisciplinar. DOM BOSCO, 2010.

LOPES, Celso Farias Duarte. **A construção de uma memória colectiva com recurso a mashups web 2.0: o caso do Sport Lisboa e Benfica**. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação Multimédia) - Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro. Aveiro, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2009.

MEDIAWIKI. **Diferenças entre Wikipédia, Wikimedia, MediaWiki, e wiki**. Disponível em: <https://www.mediawiki.org/wiki/Differences_between_Wikipedia,_Wikimedia,_MediaWiki,_and_wiki/pt-br>. Acesso em: 15 set. 2015.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em Ciências Sociais**: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de

trabalhos monográficos. 2. ed. atual.ampl. São Paulo: Atlas, 2009.

MURGUIA, Eduardo Ismael. Apresentação. In: _____ (Org.). **Memória**: um lugar de diálogo para Arquivos, Bibliotecas e Museus. São Carlos: Compacta, 2010. p. 7-9.

MUSEU DA PESSOA. **O museu**. Disponível em: <<http://www.museudapessoa.net>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Rev. Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

O'REILLY, Tim. **What Is Web 2**: design patterns and business models for the next generation of software. 2005. Não paginado. Disponível em: <<http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html>>. Acesso em: 06 ago. 2015.

OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg. As concepções de memória na Ciência da Informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. **PontodeAcesso**, Salvador, v. 3, n. 3, p. 216-239, dez. 2009.

OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg. O conceito de memória na Ciência da Informação: análise das teses e dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISAS EM CIÊNCIA DA

INFORMAÇÃO, 11, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2010.

PEREIRA, Lara Rodrigues; CARDOSO, Jaqueline Henrique. Comitês de ética: regulamentando a história oral? **Tempos Históricos**, Marechal Cândido Rondon (PR), v. 17, p. 68-82, 2013.

PETROBRAS. **Memória Petrobras**. Disponível em: <<http://memoria.petrobras.com.br/>>. Acesso em: 12 maio 2016.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Brasil, n. 2, p. 200-212. jun. 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/1941/1080>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

PORTO, Marchelly Pereira; VICENTE, Natalí Ilza. O uso de software livre na gestão de bibliotecas: o caso da Biblioteca do Centro de Ensino do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16. 22 a 24 de julho de 2015, São Paulo. **Anais eletrônico...** São Paulo, 2015. Disponível em: <http://siscone.com.br/Uploads/CBBBD15/Trab14400208920150331_000000.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2016.

PROGRAMA Catalisador da Wikimedia no Brasil. **Wikipédia de A a Z**. [S.l.]: Wikimedia do Brasil, 2015. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ad/Wikipédia_AZ_v01.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2016.

RAMALHO, Leiridiane; TSUNODA, Denise Fukumi. A construção colaborativa do conhecimento a partir de uso de ferramentas wiki. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 8, 2007, Bahia. **Anais eletrônico...** UFBA, 2007. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT3--240.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da Biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

RIOS, Diogo Franco. Lugares de memória e o ciberespaço. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA: PODER, CULTURA E DIVERSIDADE, 3, 2006, Caetité, BA. **Anais...** Caetité, BA: UNEB, 2007. Disponível em: <http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_III/diogo_franco.pdf>. Acesso em: 20 ago 2015.

SANTA CATARINA. Lei nº 12.866, de 12 de janeiro de 2004. Dispõe sobre a utilização de programas abertos pela Administração Direta, Indireta e Fundacional no Estado de Santa Catarina. **Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina**, 2004. Disponível em: <http://200.192.66.20/alesc/docs/2004/12866_2004_lei.doc>. Acesso em: 10 mar. 2015.

_____. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável. Centro de Informática e Automação do Estado de Santa Catarina. **Programa de capacitação em software livre para democratização da informática no governo de Santa Catarina**. Software Livre, [2015]. Disponível em: <<https://www.ciasc.sc.gov.br/downloads2/send/92->

software-livre/16394-programa-de-capacitacao-em-software-livre-para-democratizacao-da-informatica-no-governo-de-santa-catarina>. Acesso em: 08 maio 2016.

SAVELSBERG, Joachim J.; KING, Ryan D. **American Memories: Atrocities and the Law**. New York: Russell Sage Foundation, 2011. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=XDLVOJSmth0C&pg=PA15&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 07 jan. 2014.

SCHONS, Claudio Henrique. A contribuição dos *wikis* como ferramentas de colaboração no suporte a gestão do conhecimento organizacional. **Informação & Sociedade**, v. 18, n. 2, p. 79-81, 2008. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/1706/2112>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

SHIRKY, Clay. **Lá vem todo mundo: o poder de organizar sem organizações**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2012.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. **Biblioteca como lugar de práticas culturais: uma discussão a partir dos currículos de Biblioteconomia no Brasil**. 2007. 246f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

_____. Biblioteca, memória e identidade social. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.15, n.3, set./dez 2010. p.67-86. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v15n3/05.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **Biblioteconomia, educação e sociedade**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1993.

TAPSCOTT, Don; WILLIAMS, Anthony D. **Wikinomics: como a colaboração em massa pode mudar seu negócio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo, Cortez, 2005.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VALIATI, Vanessa Amália Dalpizol. Memórias Coletivas e Processos Colaborativos: o caso do filme A Life In a Day. **Revista Temática**. a. 10, n. 1, jan. 2014. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2014/Janeiro/memorias_coletivas_filme.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2014.

VERRI, Gilda Maria Whitaker. Das fontes do passado à memória em construção. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 5, n 1, 2012. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/viewArticle/78>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

WIKIMEDIA. **Como funciona o MediaWiki?** Disponível em: <https://www.mediawiki.org/wiki/How_does_MediaWiki_work%3F/pt-br>. Acesso em 15 jun. 2015.

WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (Coord.). **História falada: memória, rede e mudança social**. São

Paulo: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

O Sr. está sendo convidado a participar de uma pesquisa de mestrado intitulada **Rede de memórias: um “lugar de memória” digital dos bombeiros militares catarinenses**. Este roteiro foi dividido em “alunos” e “efetivo orgânico”, sendo que as perguntas serão direcionadas de acordo com o entrevistado. As entrevistas serão realizadas nas dependências do Centro de Ensino Bombeiro Militar do CBMSC. Também será realizada uma breve explanação sobre o produto final da dissertação. Não é obrigatório responder a todas as perguntas.

As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos serão a pesquisadora acadêmica do Curso de Mestrado Profissional em Gestão de Unidades de Informação Marchelly Pereira Porto e a Professora e Orientadora do mesmo programa Gisela Eggert Steindel.

Solicitamos a sua autorização para o uso de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos. Garantiremos o anonimato e sigilo na fase de divulgação da pesquisa. A sua identidade será preservada pois cada indivíduo será identificado por uma nomenclatura hierárquica militar, visto que desta forma os dados coletados terão sentido. O Sr. tem plena liberdade para não aceitar tal identificação, sendo feita apenas por número caso desejar.

1 Identificação e informações Profissionais

- a) Nome:
- b) Função e patente atual no CBMSC:
- c) Área de especialidade/interesse BM:
- d) Nível de escolaridade/formação acadêmica:

- e) Ano da primeira formação militar:
- f) Se for o caso, curso e turma de formação/especialização no CEBM:
- g) Se for o caso, quais as funções exercidas no CEBM:

2a Experiências vividas no CEBM (alunos)

- a) Narre sua trajetória no CBMSC, identificando posições ocupadas, datas e fatos relevantes.
- b) Descreva um momento específico que o Sr. considera importante para a sua carreira na corporação que foi vivenciada no CEBM.
- c) Durante seu curso de formação/aperfeiçoamento quem são as pessoas, em sua opinião, mais representativas nesse processo? Por qual motivo essas pessoas são (ou foram) importantes?
- d) Na sua visão, quais são os atributos essenciais que caracterizam o bombeiro militar de Santa Catarina? Quais características pode-se dizer que fazem parte da identidade desse grupo?
- e) O Sr. lembra quais foram seus instrutores ou monitores? E quais foram os mais representativos ao Sr.?

- f) Quais as características mais marcantes da sua turma de formação? Manteve contato e amizade entre os colegas? Tem registros materiais sobre a turma, como fotos, listas ou documentos?
- g) O Sr. recorda de algum fato marcante que ocorreu durante o seu curso de formação/aperfeiçoamento?
- h) Quais ações voltadas para a comunidade ou projetos sociais estavam atrelados ao CEBM durante a sua experiência? Pode descrever?
- i) Quais são os ritos, cerimoniais ou tradições do bombeiro e do Centro de Ensino que vem a sua memória? E qual o significado que o Sr. atribui a eles?
- j) Sobre a experiência no CEBM, o que mais gostaria de deixar registrado nesta data?

2b Experiências vividas no CEBM (para efetivo)

- a) Narre sua trajetória no CBMSC, identificando posições ocupadas, datas e fatos relevantes.

- b) Descreva um momento específico que o Sr. considera importante para a sua carreira na corporação que foi vivenciada no CEBM.
- c) Durante sua atuação no CEBM quem são as pessoas, em sua opinião, mais representativas nesse processo? Por qual motivo essas pessoas são (ou foram) importantes?
- d) Na sua visão, quais são os atributos essenciais que caracterizam o bombeiro militar de Santa Catarina? Quais características pode-se dizer que fazem parte da identidade desse grupo?
- e) O Sr. lembra quem fazia parte do efetivo do CEBM? E quais foram os mais representativos ao Sr.?
- f) Quais as características mais marcantes do efetivo durante esse período? Manteve contato e amizade entre os colegas? Tem registros materiais, como fotos, listas ou documentos?
- g) O Sr. recorda de algum fato marcante que ocorreu durante seu período de atuação no CEBM?
- h) Quais ações voltadas para a comunidade ou projetos sociais estavam atrelados ao CEBM durante a sua experiência? Pode descrever?

- i) Quais são os ritos, cerimoniais ou tradições do bombeiro e do Centro de Ensino que vem a sua memória? E qual o significado que o Sr. atribui a eles?
- j) Sobre a experiência no CEBM, o que mais gostaria de deixar registrado?

APÊNDICE B – Diretrizes para a Rede de Memórias CBMSC



REDE DE MEMÓRIAS

CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE SANTA CATARINA

Centro de Ensino Bombeiro Militar

Diretrizes para a utilização da Rede de Memórias

A Rede de memórias do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina (CBMSC) é uma plataforma que tem como essência a colaboração e o compartilhamento do conhecimento de cada integrante da corporação. O objetivo é registrar, armazenar e divulgar as memórias e democratizar os registros históricos do CBMSC, entendendo que cada pessoa que faz parte do efetivo tem em sua memória a história da corporação.

Este documento apresenta as diretrizes da Rede de memórias como forma de recomendação para o uso do software *wiki*. Algumas delas poderão ser alteradas no decorrer do tempo, de acordo com as experiências dos colaboradores e editores. Desta forma, busca-se o entendimento entre os interagentes, o crescimento do conteúdo e a prosperidade do projeto.

Regras de conduta.....

A Rede de memórias pertence ao CBMSC e, portanto, tem como base as regras de conduta da instituição. Elas são originadas do Regulamento Disciplinar no que tange as demonstrações de camaradagem, cortesia e consideração. O respeito deverá estar na forma de relacionar os superiores ou subordinados. Desta forma, recomenda-se que ao citar nomes, relatar eventos ou adicionar imagens estas orientações sejam observadas. A plataforma tem acesso aberto para leitura. No entanto, para editá-la, os colaboradores deverão ser necessariamente parte do efetivo ou da reserva remunerada do CBMSC, pois o acesso é por meio da matrícula e senha da corporação.

Política de edição.....

As páginas da Rede de memórias deverão ser criadas sob a estrutura já proposta nas categorias e na divisão administrativa do CBMSC (no caso do Centro de Ensino, por exemplo: Seção de Ensino e Subseção de Biblioteca e Produção Acadêmica). As categorias principais são:

Institucional: dados históricos sobre a estrutura organizacional e física de todos os componentes da unidade, informações sobre a identidade do Bombeiro Militar, as cerimônias, a mística militar, e ritos;

Atividades: projetos e cursos desenvolvidos pelos bombeiros (o que são, onde ocorreram e quais resultados);

Pessoas: informações sobre os alunos, efetivo orgânico e os colaboradores da plataforma;

Depoimentos fatos marcantes ocorridos na corporação, relatos de ocorrências relevantes ou de acontecimentos vivenciados na unidade.

Antes de inserir uma nova página, o colaborador deverá observar se já existe alguma sobre o assunto proposto. Caso não haja, pode-se incluir a página em uma categoria existente. Embora seja possível adicionar novas categorias, é necessário sugerir a inclusão ao editor, que no caso do CEBM, é a equipe da Biblioteca. As páginas são interligáveis, ou seja, deverão estar relacionadas entre elas com links internos ou redirecionamentos.

A Rede de memórias aceita a inserção de fotografias e vídeos, que poderão ilustrar os relatos dos colaboradores. É importante apresentar uma breve descrição do registro e ainda informar a data, as pessoas presentes (se for o caso), o local e o autor ou detentor da imagem ou vídeo.

Valor histórico.....

A Rede de memórias é uma base de conhecimentos da memória e história do CBMSC. Portanto, os artigos deverão ser acerca de assuntos de notabilidade, ou seja, que tenha relevância e valor histórico para a corporação.

Citação das fontes.....

A ideia é que o colaborador da Rede de memórias seja considerado como fonte de informação, portanto este poderá escrever a partir de seu próprio conhecimento. Caso o assunto esteja relacionado em outras fontes como livros, sites, boletins, discursos, por exemplo, estas deverão constar no final do artigo, em “referências”. Citar as fontes auxilia o leitor a encontrar mais informação sobre o tema, além de conferir honestidade e respeitar a propriedade intelectual ao autor ou documento original. Isso é válido para textos, imagens ou vídeos submetidos a Rede de memórias. O colaborador deverá ser cuidadoso ao escrever sobre opiniões ou referir-se a assuntos ou eventos que não tenha totalmente domínio.

Página pessoal.....

Cada colaborador terá a sua página para inserir suas informações enquanto profissional pertencente ao CBMSC. Assim, esta não deve ser uma página para expor opiniões, detalhamentos da vida pessoal ou

realizar autopromoção, já que este é um espaço público sobre o colaborador.

Manutenção e avaliação da Rede de Memórias

A Rede de memórias do CEBM é de responsabilidade da equipe de pessoal da Biblioteca CBMSC, que deverá gerenciar, preservar e fazer a manutenção da plataforma, além de oferecer capacitação e suporte para o seu uso.

O processo de avaliação também será gerenciado por essa equipe e deverá ser realizada em três momentos:

Avaliação: verificar a expectativa inicial versus os resultados obtidos; tipos de problemas ocorridos com a ferramenta e com as interações; e o comportamento dos colaboradores do projeto;

Medição de resultados: observar os fatores de quantidade de mensagens trocadas, de arquivos postados e de informações disponibilizadas (inserções na plataforma);

Realização de ajustes: por meio de questionário com os colaboradores, realizar uma avaliação qualitativa e aplicar testes de inclusão para verificar se há falta de informação nas diretrizes ou na Rede de memórias.

As avaliações precisam ser frequentes e com distintos colaboradores, entendendo que cada pessoa tem uma capacidade de assimilação diferente.

Já o suporte técnico, hospedagem e backups deverão estar sob cuidados da equipe de Divisão de Tecnologia da Informação (DiTI) do CBMSC.

Referências.....

CAVALCANTI, Marcos; NEPOMUCENO, Carlos. **O conhecimento em rede**: como implantar projetos de inteligência coletiva. Rio de Janeiro Campus, 2007.

MUSEU da pessoa. **Conte sua história**. Disponível em: < <http://www.museudapessoa.net/pt/intro-conte-sua-historia>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

PETROBRÁS. **Política de privacidade**. Memória Petrobrás. Disponível em:<http://memoria.petrobras.com.br/politica-de-privacidade#.V5-Ma_krLIU>. Acesso em 12 maio 2016.

SANTA CATARINA. Decreto n. 12.112, de 16 de setembro de 1980. Aprova o Regulamento Disciplinar da Polícia Militar de Santa Catarina (RDPMSC).

Biblioteca CBMSC, Florianópolis. Disponível em: <https://biblioteca.cbm.sc.gov.br/biblioteca/images/stories/CBM/Legisla%C3%A7%C3%B5es/Regulamento_disciplinar.pdf>. Acesso em: 15 maio 2016.

WIKIPÉDIA. **Ajuda: Tutorial/A reter**. Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ajuda:Tutorial/A_reter>.
Acesso em: 15 maio 2016.

WIKIPÉDIA. **Ajuda: Wikipédia:** O que a Wikipédia não é. Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:O_que_n%C3%A9_a_Wikip%C3%A9dia_n%C3%A3o_%C3%A9>.
Acesso em: 15 maio 2016.